



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**INSTITUTO DE LETRAS**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS**

**MEMORIAL ACADÊMICO DE**

**IDA MARIA SANTOS FERREIRA ALVES**

**Matrícula SIAPE 0996561**

Memorial acadêmico, referente ao processo n.23069.023193/2016-53, apresentado à Direção do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, como requisito de progressão funcional para a Classe E, com denominação de Professor Titular da Carreira do Magistério Superior.

**NITERÓI**

**28/09/2016**

## SUMÁRIO<sup>1</sup>

### 1 EM BUSCA DE MEU TEMPO ACADÊMICO:

“Como um rio ao contrário, de águas povoadas” .....	4
1.1 “Para haver rio” .....	5
1.2 “o peso da água / a tal distância” .....	7
1.3 “e a água / conseguirá então multiplicá-la” .....	11
1.4 “Depois as águas voltam” .....	14

### 2 AS ATIVIDADES DE ENSINO:

“Eis-me no centro do assombro” .....	18
--------------------------------------	----

### 3 AS ATIVIDADES DE PESQUISA:

“O que eu tenho andado sobre este círculo incessante” .....	23
---	----

### 4 AS ATIVIDADES DE EXTENSÃO

“quem dentre os homens me ouviria / sem palavras?” .....	33
--	----

### 5 AS ATIVIDADES DE GESTÃO ACADÊMICA

“Contar os grãos de areia destas dunas” .....	36
---	----

### 6 PRODUÇÃO PROFISSIONAL RELEVANTE

“ó palavras de ferro, ainda sonho / dar-vos a leve têmpera do vento.” .....	38
---	----

### 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS:

“vermos só / a tinta evaporar-se.” .....	45
--	----

---

<sup>1</sup>Todos os subtítulos são versos do poeta português Carlos de Oliveira (1921-1981), retirados de *Obras*. Lisboa: Caminho, 1992.

IX

Imaginar

o som do orvalho,

transmiti-lo

de flor para flor,

guiá-lo

através do espaço

gradualmente espesso

onde se move

agora

[água → cal],

e captá-lo como

se nascesse

apenas

por ser escrito.

(OLIVEIRA, C. 1992, p.243)

## 1. EM BUSCA DA MEMÓRIA ACADÊMICA:

### “Como um rio ao contrário, de águas povoadas”

Exatamente no dia 28 de setembro de 1993, tomei posse como Professora Assistente do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas – GLC. Desde então, vir do Rio de Janeiro, onde sempre vivi, para Niterói, onde passei a trabalhar, atravessando a sempre bela paisagem da Baía de Guanabara, tornou-se um deslocamento contínuo pontuado de diversos momentos de satisfação, algumas naturais dificuldades e muitas oportunidades de transformação pessoal e profissional. Por isso, neste ano que completo vinte e três anos de UFF como professora universitária, mas também trinta e dois anos de conhecimento da vida acadêmica dessa Universidade, como explicarei mais adiante, fazer este memorial acadêmico é um deslocamento prazeroso no tempo e no espaço, pois minha relação com esta Casa é mais que profissional, é uma adesão plena a uma Instituição que sempre se caracterizou por buscar o saber *com o máximo possível de sabor*, como disse Roland Barthes, mas também como muitos outros Mestres antes e depois dele demonstraram e demonstram quando trabalham com profundo afeto, sentimento que precisa estar presente no conhecimento e em sua transmissão, para que tudo valha a pena.

Quando venho para a UFF, em geral antes das 7 horas da manhã, é muito comum, em Niterói, a partir das Barcas, ficar em algum sinal de trânsito atrás do ônibus da UFF, o qual, recém-saído do *campus* do Valonguinho, entrará no *Campus* do Instituto de Letras, o Gragoatá, para deixar os estudantes que iniciam suas aulas matutinas. Na traseira do BUSUFF, na simpática nomeação dada pelos alunos, leio a faixa sobre a comemoração dos 55 anos da UFF, em 2015. Em dezembro de 2016, serão 56 anos de criação desta Universidade Federal, hoje uma das maiores do Brasil. Penso comigo mesma, olhando para esses números, que a UFF tem o mesmo tempo de minha vida e que, em mais da metade desse tempo, vivemos juntas, em transformação, ambas.

Porém, nestes meus agora 56 anos de existência (e gosto da visibilidade do tempo), uma das minhas experiências mais fecundas foi ter vivenciado três diferentes e complementares

espaços universitários, depois de uma fase primeira de formação juvenil marcada por muitas oportunidades de conhecimento e de crescimento cultural: o Ginásio e o Ensino Médio no sempre querido Colégio Pedro II (Unidades Humaitá e Centro) e o primário na Escola Municipal Guatemala, no Bairro de Fátima, centro do Rio, espaço então modelar para aplicação de métodos de alfabetização como decisiva formação de leitores e implantação de condições lúdicas de conhecimento para uma forte educação integral. Ter ensino fundamental e médio de grande qualidade, de forma gratuita, era nos anos 60,70 e 80 do século já passado uma real possibilidade que aproveitei ao máximo e que semeou em mim a certeza da importância da leitura, do valor da educação e fixou o espaço escolar, em meu imaginário, como lugar de crescimento muito feliz. Sintetizo a memória desse tempo de criança e jovem por uma palavra: alegria e, por sentir isso ao estudar, ao ler e escrever, escolhi seguir a carreira de professora e na Área de Letras. Os meus professores de diferentes disciplinas, mulheres e homens de diferentes idades, com diferentes perfis acadêmicos, transmitiam, todos, segurança e orgulho de sua profissão e foi com a imagem desses Mestres do meu passado que fui construindo o meu próprio caminho no Magistério de Língua e Literatura. Tantas décadas depois, olho para as águas desse rio da memória e sinto, com certeza, de que não me enganei na escolha. Mas, nesta escrita de si, não navegarei por essa memória mais longínqua povoada de tantos educadores importantes para mim, na escola e em casa. Quantas experiências poderiam ser contadas! Mudo a rota para chegar ao começo de minha formação efetiva de professora, o meu rio de palavras.

### **1.1 “Para haver rio”**

Minha primeira Universidade foi a Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, na qual ingressei em março de 1979 para seguir o curso de Letras, habilitação Português-Literaturas, finalizado em dezembro de 1982. Tive a sorte de pertencer a uma turma realmente ótima que respondia com muita responsabilidade e com muito empenho a todas as atividades solicitadas pelo corpo docente que então atuava naquelas salas de aula. Guardo e guardarei sempre dessa Universidade, hoje tão maltratada por uma política cega e predadora da educação pública, recordações fortes de grandes professores, sérios, inteligentes, instigantes, que nos transmitiram

conhecimentos linguístico e literário sólidos, partilhando modos e formas de ensinar e de pesquisar de maneira autônoma e criativa. Neste momento de memória, quero citar alguns nomes de docentes que ficaram marcados para mim, em suas áreas de atuação e por diferentes motivos, como (e em ordem aleatória de lembrança): Maria Aparecida Ribeiro, Amaro Ventura (excelente professor de Linguística, um idealista da educação), Leodegário A. de Azevedo Filho, Evanildo Bechara, Nelson Rodrigues Filho, Maria Teresa Gonçalves Pereira, Cláudio César Henriques, que reencontro nesta Comissão Especial de Progressão com muita alegria, Fernando Moraes, que havia sido também meu professor admirável de língua portuguesa no Pedro II, Marília Rothier, Mirthes do Valle, Horácio França Rolim de Freitas, Nadiá Paulo Ferreira, Orlando Pires, Sonia Salomão Kéhde, Maria do Carmo Pandolfo, Jairo Dias de Carvalho, Luiz Soares de Lima. Ainda outros rostos, vozes e gestos docentes vêm à lembrança, com suas qualidades e defeitos, mas os nomes corretos fogem, ficando os apelidos que os alunos davam, na leveza daqueles dias universitários.

Com todos esses professores, nas diversas disciplinas que compunham o currículo de Letras daquela UERJ (português-literaturas), aprendi muito, desenvolvi habilidades de escrita e de leitura especializada, conheci formulações teóricas e críticas inovadoras, ampliei minha formação cultural e fiz uma graduação segura em todos os sentidos, confirmando que a minha escolha no Vestibular – Letras – era realmente para a vida toda.

É verdade que, quando iniciei o Curso de Letras, meu primeiro interesse de aprofundamento era língua portuguesa, disciplina que sempre me interessou; depois, comecei a considerar que o estudo literário era extremamente sedutor e as aulas com Nelson Rodrigues Filho e Marília Rothier, em Literatura Brasileira, contribuíram muito para isso. Naquele tempo, minha meta profissional era trabalhar como professora de Ensino Médio e queria ter formação sólida tanto em língua portuguesa como em nossa literatura. Mas, no currículo, havia o estudo da literatura portuguesa, vários períodos, da Idade Média ao Contemporâneo, e com diferentes professores fui conhecendo textos cada vez mais provocantes, por vezes enigmáticos, como *O Mestre*, de Ana Hatherly. Contudo foi especialmente com as aulas de Maria Aparecida Ribeiro, seja sobre Gil Vicente, seja sobre a poesia portuguesa do século XX, que descobri a cultura portuguesa de outra forma, por um imaginário estético que, sem eu mesma perceber, acabou concentrando todo o meu interesse. Por uma realidade familiar, Portugal estava muito presente no meu cotidiano, era uma paisagem narrada e um modo de ser muito presentes para mim, já que filha e irmã de portugueses ciosos de sua história e memórias, mas, na Universidade, outro Portugal se mostrava e a primeira transformação acadêmica se realizou: do interesse fundo pela literatura

brasileira passei a desejar conhecer muito mais a literatura de Portugal, desse país pequeno, marítimo, de onde minha família próxima tinha vindo e onde todos os outros membros familiares ainda viviam, mesmo atravessando tempo de opressão e sofrendo dificuldades. Com o curso sobre poesia portuguesa do século XX, ministrado pela Professora Maria Aparecida Ribeiro, no último ano da graduação, uma paisagem de palavras se estabeleceu em definitivo ao meu olhar e nela encontrei um lugar de pensamento e de prazer irrecusável. É essa capacidade de fazer descobrir que um verdadeiro Mestre possui e, na figura dessa exigente mas também risonha professora, paraninfa de minha turma, que, no ano seguinte, mudou-se para Portugal e se tornou professora de Literatura Brasileira na Universidade de Coimbra, agradeço a todos os meus professores da UERJ, que me tornaram uma profissional realmente comprometida com a linguagem, seu ensino e estudo. Sobretudo por me terem mostrado que o prazer da literatura era um forma também política de indagar sobre nossa condição humana.

### **1.2 “o peso da água / a tal distância”**

Em seguida à licenciatura, foi muito natural a escolha por fazer um Curso de Especialização em Literatura Portuguesa. A Pós-Graduação *Lato Sensu* começava na UERJ, nos anos 80, e logo concorri a uma vaga para a Especialização em Língua e Literatura Portuguesa Época Moderna, ano de 1983. Nesse Curso, reencontrei alguns dos meus professores da graduação, mas também conheci outros da UERJ e mais um outro convidado que era da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ e da PUC RJ. Falo de Jorge Fernandes da Silveira, cujo curso específico sobre poesia portuguesa então mais contemporânea (“Tendências Pós-Modernistas na Literatura Portuguesa”) foi um verdadeiro divisor de águas para a jovem acadêmica que eu era. Estudando poetas como António Ramos Rosa, Fiama Hasse Pais Brandão, Gastão Cruz, Maria Teresa Horta, o Prof. Jorge Fernandes da Silveira mostrou-nos como a palavra poética é ave e como a poesia portuguesa, produzida em meio a uma sociedade enclausurada em quase 50 anos de ditadura, respirava liberdade e transformava seu mundo na medida da palavra comum, comunitária. Ainda me lembro, como se estivesse de novo numa aula do Jorge, um professor jovem de duas renomadas Universidades, cujas leituras mostravam paixão à flor da pele, estar a ouvir um poema

de Fiama Hasse Pais Brandão (“Grafia 1”) e sentir no enigma de suas hipóteses como a palavra poética pode ser transformadora, desafiadora:

Água significa ave

se

a sílaba é uma pedra álgida  
sobre o equilíbrio dos olhos

se

as palavras são densas de sangue  
e despem objectos

se

o tamanho deste vento é um triângulo na água  
o tamanho da ave é um rio demorado

onde

as mãos derrubam arestas  
a palavra principia

Ou então ouvir António Ramos Rosa a dizer em seu poema:

Não posso adiar o amor para outro século

não posso

ainda que o grito sufoque na garganta

ainda que o ódio estale e crepite e arda

sob montanhas cinzentas

e montanhas cinzentas

Não posso adiar este abraço

que é uma arma de dois gumes

amor e ódio

Não posso adiar  
ainda que a noite pese séculos sobre as costas  
e a aurora indecisa demore  
não posso adiar para outro século a minha vida  
nem o meu amor

nem o meu grito de libertação

Não posso adiar o coração.

A experiência desses versos passando pela voz do professor era tão forte, que parecia estar a turma hipnotizada. Onde estava a força que nos comovia? Na palavra, nessas palavras comuns que unidas transformavam, de repente, nossa percepção de mundo.

Sim, o estudo da poesia portuguesa moderna e contemporânea tornava-se, em definitivo, meu objeto de desejo acadêmico e ultrapassei em muito as aulas, indo às bibliotecas, especialmente do Real Gabinete Português de Leitura, um espaço tão familiar para mim desde criança, para ler mais desses poetas que ia descobrindo nas aulas. No RGPL, também, durante a graduação e mesmo depois, pude seguir cursos de curta duração, palestras com diferentes professores da área de Letras, de diferentes Universidades do Rio de Janeiro. Era muito bom para conhecer o que se estava estudando e outros professores, para além da UERJ. Cada curso foi melhor que o outro e praticamente todas as aulas eram interessantes e abriam, para minha vontade de saber, um mundo de leituras a fazer.

Graças também a esse primeiro Curso de Especialização na UERJ, um outro deslocamento se fez: agora, um deslocamento espacial universitário. Explico: entre as colegas de Curso, uma era oriunda da UFF e, em conversas de intervalo de aulas, comecei a ouvir falar dessa outra Universidade que ela descrevia com muito afeto. Eu não conhecia a UFF, jamais havia ido a Niterói, que, naquela época, me parecia muito distante de minha realidade carioca. Entretanto, o carinho daquela colega por seu Curso de Letras na UFF e por seus professores motivou-me a cruzar a baía e ver o que havia de interesse do lado de lá para eu continuar a estudar literatura portuguesa. Na UERJ, ainda não havia a Pós-graduação *stricto sensu*; a PUC era universidade privada e

desconhecida para mim; a Letras da UFRJ, já transferida para o Fundão, era distante e difícil de transporte e eu já trabalhava, desde 1980, como funcionária pública estadual, no Tribunal de Alçada Cível do Rio de Janeiro, tendo limites de horário. Além disso, desde 1983, na parte da manhã, atuava como professora de 5ª a 8ª série do 1. Grau e de 1ª. a 3ª. série do 2. Grau num colégio particular, no Maracanã. Pensei então que a UFF poderia ser uma boa opção para meu projeto acadêmico, desde que eu pudesse conciliar meus horários.

Foi assim que peguei a barca Rio-Niterói, pela primeira vez, e indo ao *campus* do Valonguinho, entrei no prédio em que se situava, nos anos 80, o Instituto de Letras da UFF. Eu sabia que estavam abertas as inscrições para os Cursos de Especialização que eles ofereciam naquele momento e me inscrevi, para provas, na Especialização de Literatura Portuguesa, 360 horas, dois anos (03/1984 a 12/1985).

Lembro ainda que eram poucos os candidatos para esse Curso; que, aprovada nas provas escritas, fui entrevistada pelas Professoras Laura Cavalcante Padilha e Maria Antônia dos Santos Botelho e, já naquele momento, senti um diferencial na UFF, talvez por me parecer menor, com um atendimento administrativo mais próximo. Niterói também me pareceria uma cidade mais calma, com outro ritmo de vida. A relação entre professores e alunos, entre alunos e funcionários, era mais pessoal, mais fraternal também, turmas menores. Consegui combinar o horário das disciplinas dessa Especialização (já que não eram diárias) com meus compromissos de trabalho e pude, naqueles dois anos de Especialização, fazer excelentes cursos de literatura portuguesa com Laura Padilha (Camões e Eça de Queirós), Maria Antônia dos Santos Botelho (a poesia de Herberto Helder, a prosa de José Saramago, a literatura infanto-juvenil portuguesa) e Maria do Amparo Maleval (a poesia e a prosa medieval). Com Paulo Pereira, estudei literatura portuguesa contemporânea e irradiações ultramarinas da literatura portuguesa (ainda não se falava de “Literaturas Africanas de Língua Portuguesa”). E, também nessa Especialização, três outros professores da UFF mostraram a importância do rigor investigativo em fontes fidedignas e da metodologia de pesquisa: um foi o Professor Roberto Acízelo Quelha de Souza, de Teoria da Literatura, o qual, após aposentadoria na UFF, passou a ser docente da UERJ, Professor Titular, e agora integra a Comissão Especial para avaliação docente – acesso à Classe E do atual Instituto de Letras da UFF, o que muito nos honra; o segundo foi o Colega muito querido de todos nós, de Literatura Portuguesa, que tão prematuramente partiu: José Carlos Barcellos, então jovem professor na UFF, mas que já evidenciava sua sólida cultura humanística e a inteligência literária diferenciada. Mais adiante também seria docente na UERJ, em regime de 20 horas; o terceiro

nome era da Professora Carolina Maia Gouveia, de Literatura Brasileira, que nos mostrou a importância e o prazer de pesquisar acervos literários silenciados no tempo, no caso, periódicos oitocentistas.

Essa UFF dos anos 80, como aluna, deu-me muitas lições importantes para além de conteúdos específicos: vontade investigativa, maior cuidado e rigor de leitura, desejo de atuação em equipe para projetos e eventos acadêmicos, perspectiva de carreira acadêmica universitária em estudos portugueses, atuação em prol da afirmação e fortalecimentos desses estudos, quando ainda não existiam muitas publicações e eventos, nem muitos doutores nessa Área, como hoje. Terminei essa segunda Especialização, com suas dez disciplinas, as quais me haviam possibilitado um panorama mais vertical da literatura portuguesa e algum conhecimento inicial dos recentes estudos de literatura africana de língua portuguesa, com uma meta mais específica: fazer o Mestrado na área dos Estudos Literários Portugueses.

### **1.3 “e a água / conseguirá então multiplicá-la”**

Para essa terceira etapa de formação acadêmica, pensei em cursar o Mestrado na UFRJ, pois lá eu encontraria o Professor Jorge Fernandes da Silveira, nome que se afirmava cada vez mais com um leitor inteligente e criativo da literatura portuguesa, mas eu gostei dos cursos da UFF, admirava a qualidade dos professores que tive na Especialização e, além disso, o *campus* do Valonguinho era muito perto das barcas e possibilitava que eu seguisse as disciplinas, com mais facilidade de deslocamento, já que trabalhava na Praça XV e podia contar, para acordo de compensação de horas de serviço, com minha chefia e colegas de trabalho no Tribunal de Alçada Cível, 4<sup>ª</sup>. Câmara, a quem devo realmente isso, pois apoiaram meu projeto de fazer o Mestrado e me incentivaram sempre a prosseguir, aceitando troca de turnos e outras composições de horário.

Assim, fiz as provas de Mestrado e, aprovada, iniciei meu curso em 1986 com término em 1990. Além de continuar a ter disciplinas com os professores já referidos, conheci uma outra professora que se tornou muito importante para minha formação: Fernanda Madalluno, cujos cursos sobre “Maneirismo e Barroco Português” e, depois, sobre “Poesia Portuguesa Moderna e Contemporânea”, abriram muitos caminhos para minha perspectiva de leitura crítica. Fernanda unia cultura brasileira, portuguesa e italiana, transmitia alegria e afeto, era mesmo a

personificação do “saber com sabor”. Naquela época, fazer o Mestrado era uma etapa muito difícil, o grau de exigência era grande, cada curso demandava como avaliação final uma monografia densa. Eram poucos os mestrandos em sala e as aulas rendiam muito em partilha de conhecimento, com discussões, por vezes, bem animadas. As consequências das relações entre alunos e professores não são previsíveis. Nem sempre o professor, para este ou aquele estudante, é motivador ou marcante, mas, no meu caso, embora gostasse muito dos demais professores que tive no Mestrado da UFF, as aulas de Fernanda Madalluno eram muito interessantes e me marcaram fortemente, porque ela era, profissionalmente, muito séria no que fazia, estava sempre atualizada sobre a bibliografia para as questões de que tratava em seus cursos e nos incentivava muito nos estudos, estabelecendo uma relação fortemente compromissada na aprendizagem e na pesquisa, num tempo em que não havia computador e outros meios de contato hoje tão banais entre todos nós. Todo o período de Mestrado foi muito produtivo e com os doze cursos realizados, sempre muito bem avaliada, ampliei bastante minhas leituras e minha reflexão sobre a literatura, em geral, e a portuguesa, de forma estrita. Com o professor convidado da UERJ, Leodegário A. de Azevedo Filho, estudei “Bocage Maneirista”. Com outro professor convidado da PUC, Gilberto Mendonça Filho, teoria literária e o platonismo, discutindo as transformações do conceito de poesia. Com os professores da Casa, estudei o romance português no século XX, o conto fantástico português, teatro, poesia e crítica literária. Com pena, devo dizer, não fui aluna de Laura Padilha, no Mestrado, pois a docente estava em licença. Suas aulas na Especialização foram inesquecíveis, porque era e continua a ser excelente professora. Aqui meu agradecimento de formação a esta professora de que me tornei colega e com quem tenho compartilhado também muitos projetos do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana – NEPA UFF, do qual mais adiante falarei.

Tive a oportunidade, em curso de Fernanda Madalluno, de conhecer a obra poética de Carlos de Oliveira, o qual, ainda hoje, passados tantos anos de leitura contínua, é um poeta que me comove por sua ética, pela busca da leveza da palavra poética, ainda que sejam terríveis o tempo e a vida. A obra de Oliveira, falecido em 1981, tem um compromisso humano incontornável e resiste ao vazio e à negação da arte. O fascínio que verdadeiramente senti por sua obra determinou meu objeto de estudo para a dissertação de mestrado que fiz sob a orientação da mesma Professora. Seu título: “As paisagens poéticas de Carlos de Oliveira”, defendida em 09 de maio de 1990, já no *campus* do Gragoatá, para o qual, recém-inaugurado, se havia transferido o

Instituto de Letras da UFF. Em 2015, festejamos 25 anos de Gragoatá e tive a alegria de liderar a comemoração entre nós.

Em minha dissertação, com mais de 150 páginas, voltei toda a atenção ao Carlos de Oliveira poeta e persegui as paisagens que sua escrita configurava, a partir de uma abordagem teórica que estudava as estruturas antropológicas do imaginário ocidental, conforme defendia Gilbert Durand em sua obra<sup>2</sup>, então ainda não traduzida para o português. A obra poética de Carlos de Oliveira era praticamente desconhecida no Brasil. Havia, é certo, dissertações e uma tese sobre sua narrativa, também bastante importante no contexto do Neo-realismo<sup>3</sup> português. Minha dissertação foi talvez a primeira, no Brasil, a tratar de sua poesia de forma integral<sup>4</sup>, mesmo com as dificuldades de obter as edições portuguesas que existiam e demonstravam o trabalho de reescrita que o poeta exercia sobre seus textos das décadas de 40 e 50. O estudo de sua poesia e a leitura atenta de toda a sua prosa, especialmente o livro meio inclassificável (crônicas, entrevistas, pequenos contos, esboços de argumentos literários...), *O Aprendiz de Feiticeiro*, significou para mim muito mais que um motivo de dissertação e sim um modo de compreender a poesia, a literatura, do qual não mais abriria mão. Carlos de Oliveira tornou-se um poeta de eleição, por isso seus versos são subtítulos de seções deste memorial. Desde meu Mestrado, nunca mais deixei de ler, de retornar à obra desse autor, escrevendo artigos, apresentando trabalhos, organizando livro e capítulos de livros. Em 2017, uma antologia de sua poesia, organizada por mim, será também publicada pela Editora Oficina Raquel.

Obtido o título de Mestre em Letras, com nota máxima e reconhecimento de valor do trabalho defendido, houve a oportunidade de fazer concurso para docente da UFF, no ano seguinte, como relatarei no item sobre atividades docentes, de forma mais detalhada. Com o direcionamento de minha vida profissional para o ensino universitário, busquei então o grau maior de formação: o Doutorado, que fui realizar na UFRJ. Mas antes, e por razões de trabalho que adiante explicarei, de 1993 a 1994, fiz minha terceira Especialização, agora na UFRJ, só que na área de Estudos de Linguagem – Linguística Aplicada ao Ensino de Português, com monografia final na área de Sociolinguística. Foi um curso complementar na área de estudos da língua portuguesa e,

---

<sup>2</sup>DURAND, Gilbert. *Les structures anthropologiques de l'imaginaire*. Paris: Bordas, 1969. A tradução portuguesa seria publicada exatamente ao final de 1989, pela editora Presença, Lisboa. Só obtive tal edição após a defesa. Dificuldades da vida de orientandos...

<sup>3</sup>Mantenho a grafia original.

<sup>4</sup>Em relação à sua narrativa, destacam-se a dissertação de Mestrado e depois a tese de Doutorado do Professor Benjamin Abdalla, sobre O PROCESSO DE FUNDAMENTAÇÃO DA ESCRITURA NOS ROMANCES DE CARLOS DE OLIVEIRA, 1974 (Mestrado) e 1977 (Doutorado), na USP. A Professora Terezinha de Jesus da Costa Val (UFRJ) defendera sua dissertação de Mestrado sobre O LUGAR POÉTICO DE CASA NA DUNA, também em 1977.

embora não dialogante com meus estudos literários, contribuiu muito com o trabalho de docência que eu passei a exercer na UFF de 1993 a 1995. São outras águas que atravessei e mais adiante verão como.

#### **1.4 “Depois as águas voltam”**

Por ter finalmente iniciado a carreira docente universitária, e finalizado o Curso de Especialização em Linguística e Ensino de Português, obtive as condições necessárias para realizar o último grau de formação: o Doutorado. Não tive dificuldades ou vacilações para tal: sabia o meu espaço de reflexão, sabia que estudar poesia portuguesa era o que me interessava sobre os demais campos temáticos possíveis, sabia que agora poderia ir ao encontro daquele professor da UFRJ da minha primeira Especialização, o qual se tornara um renomado pesquisador na área exatamente dos meus interesses. Decidida, fui procurá-lo para uma conversa prévia e, bem acolhida, fiz o concurso de doutorado da UFRJ. Aprovada nas provas escritas e na defesa de projeto prévio, iniciei o novo curso em 1995, cinco anos depois do Mestrado, e defendi minha tese de Doutorado em 26 de maio de 2000, portanto, há mais de dezesseis anos.

Esses cinco anos de Doutorado foram plenos de oportunidades de estudo, de apresentações em Congressos da Área e de publicações, de ampliação de contatos acadêmicos e trocas acadêmicas. Estudei com nomes muito fortes dos estudos literários portugueses, entre os quais, com toda honra, destaca-se a Professora Emérita Cleonice Berardinelli, a qual, em 28 de agosto de 2016, completou cem anos de existência, com cerca de 80 anos dedicados, de forma tão frutífera, à docência e à literatura portuguesa, um exemplo admirável de pessoa e professora. Mas também nomeio as Professoras Teresa Cerdeira, Gilda Santos (com esta, nos anos seguintes, viria a realizar muitos projetos conjuntos) e, nos estudos teóricos, André Bueno e Ronaldo Lima Lins. Segui vários cursos excelentes, alguns até como simples ouvinte, e conquistei reconhecimento do meu trabalho de reflexão. Com Jorge Fernandes da Silveira, finalmente meu orientador de Doutorado, apresentei tese unindo o estudo da poesia de Carlos de Oliveira ao estudo da obra poética então recente de um poeta que se iniciara em 1972, Nuno Júdice. Unindo os dois poetas, tão diferentes entre si, na tese intitulada *Poetas: personagens da linguagem*, defendi que a escrita de cada um apresentava uma proposta de trabalho extremamente metapoética e crítica, uma

teorização lírica, com Oliveira explorando a relação entre poema e leitura e Júdice, entre poema e escrita. Permito-me citar dois poemas de Júdice publicados num dos seus melhores livros: *O movimento do mundo*, de 1996, Editora Quetzal, que ilustrarão essa forma de pensar a poesia:

## POÉTICA

Atravessa o túnel do verso,  
 ouvindo a água gotejar nas cesuras;  
 música de antigas chuvas,  
 que atravessam as idades e as rimas,  
 deixando nos lábios o ritmo  
 de uma óbvia monotonia. Como  
 se tudo fosse incompreensível,  
 finge perder-se à saída, quando a luz  
 de um sentido te ofusca; depois,  
 recupera a direcção certa; mesmo  
 que haja outras para além dessa, e  
 outras invisíveis no lugar que deixaste. Mas  
 não olhes para trás: o que ficou, é  
 o irrecuperável; e nenhum rumo  
 te transporta de regresso à origem, como  
 nenhum dos braços futuros te restitui  
 o amor revelado num primeiro abraço.

e

BEN AMMAR, DE SILVES (m. 1086)

Canta, como sombra, uma cidade  
 que já não existe; e os seus versos dirigem-se  
 à mulher mais bela do mundo, de  
 quem não ficaram outras memórias

nem retratos. Mas as suas palavras  
talvez cheguem  
para que adivinhemos o paraíso:  
palácios onde a água corria nos pátios,  
e o quarto onde a amada descobria o rosto,  
perante o espelho, resistindo à tarde

que a empurrava para a varanda,  
e os risos cúmplices do namoro,  
fingindo ignorar esse poeta que a persegue,  
como gazela, tentando prendê-la  
à página. Ali, branco no branco  
e preto no preto, liberta da efemeridade  
da vida, a vou encontrar: sem nome  
nem idade, flor eterna  
no jardim sem inverno dos amantes.

Mantinha assim a unidade de minha reflexão sobre poesia portuguesa moderna e contemporânea e realizava também, sem mesmo me preocupar com isso, a primeira tese no Brasil e mesmo fora sobre a poesia de Nuno Júdice, hoje um poeta bastante reconhecido, com diversos prêmios e diversas traduções, com mais de quarenta livros de poesia publicados, para além de estudos literários e mesmo narrativas. A ata de defesa registrou a “excelência do trabalho, a amplitude da pesquisa e o desempenho seguro da candidata, [...] recomendando vivamente a publicação do trabalho”, que acabou não ocorrendo, dadas as dificuldades de publicação de material acadêmico extenso. A tese tinha mais de 300 páginas. Ainda hoje, relendo essa tese, penso que eu deveria ter insistido em sua publicação, já que são poetas que nos colocam questões realmente fundamentais em poética e poucos continuam a ser os estudos de maior fôlego sobre eles. No entanto, pude publicar diversos artigos oriundos da tese, divulgando o trabalho feito, o que tornou minha tese conhecida por aqueles que estudavam e estudam a poesia portuguesa e se interessam pelas poéticas de Carlos de Oliveira e de Nuno Júdice. Também, em vários outros momentos, voltei à obra de Nuno Júdice, acompanhando sua trajetória ao longo dos anos. Como já

referi, hoje é autor de mais de 40 livros, considerando poesia, narrativa, ensaísmo literário. Bem mais tarde, acabei compartilhando projeto internacional de pesquisa com o Nuno Júdice, “(Malhas que o império tece!)”, Professor da Universidade Nova de Lisboa, e com ele também, além de Celia Pedrosa, que vem sendo nos últimos anos uma forte parceira em estudos de poesia portuguesa e brasileira em diálogo, organizamos um livro sobre poesia e crítica.

O grau de Doutorado foi atingido, com louvor, mas, como todos nós sabemos, não é o fim do caminho, pelo contrário, retomamos o percurso, não paramos de estudar, nem podemos, se desejamos acompanhar o que se vem fazendo na Academia e o que vai sendo publicado literariamente. Por isso, ao longo dos meus anos na UFF, pude realizar dois pós-doutorados: o primeiro, de um ano, de 2005 a 2006, na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, PUC MG, sob supervisão da conhecida Professora Leila Parreira Duarte, tendo me integrado ao seu projeto de pesquisa sobre “Figurações da Morte nas Literaturas de Língua Portuguesa”, para estudar o tema nas poéticas de alguns poetas portugueses contemporâneos, o que me permitiu defender o domínio do discurso elegíaco nessa produção. O segundo foi mais ambicioso: voltada já aos estudos de paisagem nas literaturas de língua portuguesa, como explicarei no item sobre meus percursos de pesquisa, realizei um pós-doutorado de seis meses, de outubro de 2011 a abril de 2012, na Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3, França, com apoio da CAPES (Estágio de Pós-Doutorado), sob orientação de um dos mais importantes pensadores sobre o tema, Prof. Dr. Michel Collot, experiência também muito enriquecedora para minha formação teórica e que me abriu muitos outros espaços de atuação, em âmbito internacional.

Esse trajeto longo de formação, na verdade, não tem fim para quem exerce o magistério comprometido com sua área de atuação. Buscar, conhecer, descobrir, ler, reler, pensar, repensar são verbos necessários para toda a vida acadêmica.

Sim, “como um rio ao contrário, de águas povoadas” de muita gente, muitos colegas, muitos professores, hoje amigos e parceiros em tantas atividades e projetos. Tem sido uma navegação afortunada.

## **2 As atividades de ensino:**

### **“Eis-me no centro do assombro”**

Antes de atingir meu objetivo maior: o ensino universitário, no qual eu poderia ter mais oportunidades de reflexão e de produção teórico-crítica, busquei também a experiência de ensino no primeiro e segundo graus, assim que terminei minha Licenciatura com estágio no CAP da UERJ. Cheguei a fazer concurso para o ensino público, e fui muito bem aprovada na listagem geral de habilitados. No momento de escolha de lotação, deveria atuar numa escola localizada em Realengo. Mas, para assumir a vaga nessa escola, eu deveria sair do serviço público judiciário, que já exercia desde 1980, funcionária que era do Tribunal de Alçada Cível do Estado do Rio de Janeiro. Assumo que não fui idealista: a questão financeira falou mais alto, pois, como agora, o salário de docente de Ensino Médio era muito inferior ao salário do Judiciário, além disso, era muito longe a escola e eu antevi as dificuldades que teria para buscar tempo para os cursos que desejava ainda fazer.

Fiz também concurso para a Escola da Aeronáutica, Professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira - 2º Grau, na Ilha do Governador, e fui também muito bem classificada (na prova escrita, segunda colocada) num certame bastante exigente e com dezenas de candidatos. Mas, à beira de decidir sobre a posse, fui informada de que teria limitações nos conteúdos literários a tratar, com um controle programático que considerei autoritário, o que não me agradou em nada e, como eu não estava em situação de desemprego, mais uma vez abri mão da vaga conquistada.

Eu não queria ficar sem exercer o magistério mas também não queria perder meu vínculo funcional por algo não realmente satisfatório. Nos meados de 1983, fui convidada a trabalhar num Colégio particular, no Maracanã, que tinha uma proposta de ensino bastante interessante na área de estudos de língua portuguesa, redação e literatura. Fora recomendada pela Professora Mirthes do Valle, que havia sido minha professora no oitavo período da licenciatura em Letras da UERJ e, assim, acreditando que o projeto do Colégio tinha a ver com o que eu buscava, aceitei o contrato,

mesmo com salário baixo, para o turno da manhã, que não causava nenhum prejuízo ao trabalho no Judiciário.

Fui professora de 5ª a 8ª séries (1º Grau) e de 1ª a 3ª séries (2º Grau) no Colégio Societas Magistri, que já encerrou suas atividades, de 1983 a 1993, e foi uma experiência também muito importante para minha docência. Dei aulas de língua portuguesa, prática de redação e literatura brasileira, trabalhando com alunos de padrão cultural médio e alto e a Direção do Colégio (Profa. Maria Helena Reis Gonçalves) era exigente, sobretudo na parte de metodologias aplicadas ao ensino linguístico e literária. Por isso, nesse Colégio, aprendi muito em termos de métodos de ensino e práticas pedagógicas. Aprendi a lidar igualmente com alunos de diferentes idades, com diferentes demandas, e observei que meu aluno preferido era realmente o jovem a partir de 15 anos. Eu nunca havia desejado seguir o Normal, nem tinha predileção por crianças, embora hoje ache que ser alfabetizador deve ser uma vivência extremamente gratificante. No entanto, nunca foi meu perfil docente. Os jovens com os quais lidei exigiam muito das aulas, pois eram filhos de médicos, jornalistas, executivos, psicólogos, professores, em muitos casos. Tinham acesso a diferentes meios de cultura e consideravam que estavam num colégio pequeno e diferenciado dos demais existentes na região da Tijuca / Maracanã, numa época em que imperava a febre dos cursinhos, da competição do Vestibular. Foi um longo e bom tempo de trabalho, cerca de dez anos, com momentos emocionais difíceis já que trabalhar com crianças ou jovens menos atentos às aulas é bastante cansativo. Também isso significava um dia realmente cheio de atividades, uma vez que, do Colégio ia para o Tribunal, onde cumpria serviços, de segunda a sexta, 7 horas diárias, em média, que não se relacionavam diretamente com a Área de Letras, mas deram-me, por outro lado, perspectiva administrativa e executiva, que muito me ajudaria no futuro, na UFF, quando exerceria diferentes cargos administrativos.

Defendida a dissertação de Mestrado, em 1990, surgiu a oportunidade de fazer concurso para o Magistério Superior, em 1992, exatamente na UFF, quando foi publicado Edital para suprir diversas vagas na área de Língua Portuguesa, nível de Assistente. A princípio, achei que não devia tentar, pois não era com Língua Portuguesa que desejava trabalhar, porém minha ex-orientadora, Professora Fernanda Madalluno, incentivou-me dizendo que fazer o concurso era a oportunidade, se aprovada, de iniciar a carreira universitária. Com essa motivação e com o desejo de finalmente sair do Judiciário para exercer o que eu sempre desejara, resolvi tentar e fiz a prova escrita, tendo sido habilitada. Fiz a prova de aula, e lembro que o tema sorteado era “conectivos – sistema de relações” e utilizei um poema de João Cabral de Melo Neto, “Tecendo a Manhã”, para o

desenvolvimento de minha argumentação. Era meu primeiro concurso universitário, estava insegura frente a uma Banca que eu sabia ser exigente, mas fui aprovada ao fim de todas as provas. Não estava, é verdade, entre os primeiros colocados, alguns deles já professores substitutos na UFF ou mesmo aposentados ou de outras Universidades, com anos de experiência, mas em posição mediana entre vinte aprovados, o que me deixou bem satisfeita considerando as condições daquela época.

Minha formação séria em língua portuguesa obtida na UERJ, minha experiência de jovem professora de ensino básico e médio, meu constante estudo para dar as aulas com competência, ajudaram-me certamente nessa aprovação. Conteí com um pouco de sorte também, pois havia 20 vagas de Língua Portuguesa – 40h DE a preencher, progressivamente, de acordo com aposentadoria de docentes, o que ocorreu com certa rapidez, situação que jamais se repetiria na UFF, em Letras. Estava configurado o momento decisivo de minha carreira acadêmica: sair em definitivo do Judiciário e do Colégio em que trabalhava e partir para o Magistério Superior. Dessa vez, não desisti e pedi exoneração do Estado para tomar posse no Ensino Federal, na UFF, no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, área de Língua Portuguesa, em 28/09/1993, portanto há exatos 23 anos quando apresentarei publicamente este Memorial Acadêmico.

Tenho consciência de que trabalhei no Setor de Língua Portuguesa com toda seriedade e empenho, a tal ponto que busquei até realizar uma Especialização em Estudos Linguísticos, como já referi, anteriormente. Sentia a necessidade de ter um discurso teórico linguístico mais forte, mais atualizado, para oferecer aos meus alunos da UFF trajetos seguros de reflexão crítica. Tive turmas muito boas nesse período de língua portuguesa, muitos desses alunos se tornaram professores em diferentes níveis, inclusive universitário, e obtive o reconhecimento sobre o meu trabalho, seja pelos alunos, seja pelos colegas, entre os quais tenho amigos.

Claro que ainda não havia atingido o que desejava e esperava então uma oportunidade de mudança. Ainda em 1993, um pouco depois de começar a trabalhar na UFF como Professora Assistente de Língua Portuguesa, foi publicado outro Edital para uma vaga única de Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas, também no nível Assistente, que era o comum na época. Inscreveram-se cerca de 30 candidatos que foram para a prova escrita cujo ponto sorteado versava sobre Fernando Pessoa e a Cidade, não exatamente nesses termos. Desses 30, somente 10 foram habilitados, entre os quais eu me encontrava. Depois da prova de aula, em que tirei nota máxima na avaliação dos três docentes da banca, com ponto sorteado sobre o poeta moçambicano José Craveirinha, ficamos aprovados seis candidatos, com médias finais diferindo em décimos. Mas a

vaga era só uma e a nota de currículo foi um item classificador importante. Meus colegas de concurso aprovados eram competentes, com alguma experiência universitária ou longa experiência no Ensino Médio. Todos tínhamos o Mestrado, uma ou outra publicação. Ocupou o primeiro lugar Mario Lugarinho (o qual, anos depois, saiu da UFF para atuar na USP). Uma segunda e terceira vagas foram conseguidas, com as aposentadorias de Maria Antônia Botelho e, depois, de Simone Caputo, entrando as colegas Dalva Calvão e Maria Lucia Wiltshire de Oliveira, esta já era há muitos anos professora substituta na UFF. Com mais negociação junto à Reitoria e aposentadoria de Fernanda Madalluno, uma quarta foi obtida, entrando o colega Silvio Renato Jorge. Não havia mais possibilidade de vagas.

Assim, estando eu já na UFF, duplamente concursada e aprovada, iniciei colaboração com o setor de literatura portuguesa, do mesmo Departamento em que me encontrava, assumindo carga horária dessa disciplina, para além de língua portuguesa. Dois anos depois, 1995, consegui, no âmbito departamental, atuar somente com literatura portuguesa e isso só foi possível com a concordância do Setor de Língua Portuguesa, naquele momento coordenado pela Profa. Ligia Trouche, que apoiou minha mudança de Área, em definitivo, de acordo com minha formação e minha trajetória. Passei a atuar, portanto, com o que sempre desejei e constituí, com meus colegas de concurso, Mário Lugarinho, Maria Lucia Wiltshire de Oliveira, Dalva Calvão e Silvio Renato Jorge, para além dos docentes mais antigos que continuaram no Setor, Laura Padilha e José Carlos Barcellos, ao longo dos anos, uma das mais coesas e produtivas equipes de literatura portuguesa e literaturas africanas existentes no Brasil.

Afirmo isso, sem modéstia, porque realmente formamos um setor de qualidade, com presença forte no cenário nacional (e na última década, também, internacional) dos estudos portugueses e africanos. Cumprimos juntos (os novos) todas as etapas necessárias ao fortalecimento de nossas carreiras e construimos juntos (os novos e os antigos) o Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana – NEPA UFF, criado em 03/03/1997 e que há oito anos possui uma revista, a ABRIL NEPA UFF, A2 na qualificação CAPES Periódicos, da qual tenho a satisfação de ser coeditora junto com Laura Padilha.

A partir de 1995 então passei a só ministrar disciplinas de literatura portuguesa e parti imediatamente para a realização do Doutorado nessa Área, como já descrito. Atuei também na Especialização de Literatura Portuguesa e Africana (há alguns anos, essa Especialização parou de ser oferecida), na Especialização de Literatura Infanto-Juvenil (trabalhando com literatura infanto-juvenil portuguesa e com jogos de linguagem). Mantive sempre oferta semestral de cursos,

respondi sempre positivamente às cargas horárias demandadas por meu Setor e Departamento, colaborei em tudo o que foi necessário para a qualidade dos seus cursos ministrados.

Após o doutorado concluído, fui credenciada na Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, oferecendo regularmente, desde 2001, cursos de mestrado e, logo depois da primeira dissertação defendida, cursos de doutorado. Quinze anos depois de meu credenciamento nessa Pós-Graduação, levei à defesa, sempre na área de estudos de poesia portuguesa, 15 dissertações de Mestrado, 08 teses de Doutorado, além de, na Especialização, ter orientado 06 monografias de Especialização e, em Iniciação Científica, ter orientado 19 trabalhos, alguns deles premiados na UFF ou com Menção Honrosa, ter supervisionado 10 monitores e 4 pós-doutorados de professores oriundos da UFMG, UFPR, UPF (Universidade de Passo Fundo – RS) e UFG.

Ainda devo observar que mantive carga horária docente mesmo no exercício de cargos administrativos, como Chefe de Departamento e Diretora do Instituto de Letras, com exceção de semestres de afastamento para pós-doutorado, como se pode verificar por declaração departamental e Relatórios Anuais de Atividades Docentes registrados na UFF. Trabalhei em todos os turnos, manhã, tarde e noite, assumi cargas superiores a oito horas semanais diversas vezes e desenvolvi (desenvolvo ainda) uma atuação docente responsável, exigente e qualificada, com reconhecimento pleno por alunos e colegas da UFF e de outras Instituições.

A meta de só trabalhar com a docência em literatura portuguesa, da Idade Média à Contemporaneidade, realizou-se plenamente e, passados tantos anos e tantos alunos, sinto que realizei plenamente o que buscava, mantendo a mesma alegria e prazer de trabalhar com um objeto, a literatura, sempre surpreendente e provocativo. É muito bom ainda, em plena sala de aula, esse lugar, por vezes, de tanta inquietude, na leitura de poetas como Cesário Verde, Fernando Pessoa e heterônimos ou de contemporâneos como Ruy Belo, Joaquim Manuel Magalhães ou João Miguel Fernandes Jorge, e tantos outros com os quais convivemos em leituras, estar frente aos versos e partilhar com jovens leitores a experiência de assombro da palavra poética.

Não sou nada.

Nunca serei nada.

Não posso querer ser nada.

À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

(“Tabacaria”, Álvaro de Campos)

### **3 As atividades de pesquisa:**

#### **“O que eu tenho andado sobre este círculo incessante”**

A realização de projetos de pesquisa não é meramente o cumprimento de uma obrigação acadêmica para o professor 40h DE, sobretudo credenciado em Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*. É, na verdade, o desenvolvimento necessário da capacidade investigativa contribuindo, de forma determinante, para o avanço de conhecimento em sua Área e para a ampliação de redes de pesquisa e de formação de novos professores e pesquisadores.

Em paralelo com todas as atividades de ensino que realizei e continuo a realizar na UFF, ao longo destes 23 anos de trabalho na Instituição, com afastamentos apenas para qualificação e um por maternidade, fui desenvolvendo projetos no campo dos estudos de poesia, mantendo a unidade de meu trabalho investigativo e fortalecendo os percursos de meu pensamento teórico e crítico, para constituir um perfil acadêmico que hoje posso considerar estar sedimentado e bem reconhecido por pares e alunos. Fiz uma opção clara de pesquisa: estudos de poesia, recortando um período que muito me interessa: a poesia portuguesa do século XX e agora XXI, com diálogos possíveis com a tradição poética ocidental e com outras poéticas, como a poesia brasileira. Meu campo de trabalho é esse e venho buscando cada vez mais o diálogo entre as culturas de língua portuguesa, unindo meus interesses de poética aos estudos teóricos sobre paisagem em literatura e às relações luso-brasileiras.

Penso que a melhor forma de apresentar esse percurso de pesquisa é descrever os projetos desenvolvidos e minha mais nova proposta junto ao CNPq, sendo pesquisadora nível 2 desde 2008. É o que farei a seguir.

A partir de minha progressão para Professor Adjunto, após defesa de Doutorado (2000), comecei a apresentar regularmente projetos de pesquisa que foram aprovados por meu Departamento e também desenvolvidos junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras. Desde 2010, nosso PPG se transformou em PPG em Estudos Literários, nota 5 pela CAPES. Tais projetos foram executado na Instituição ou em Instituição parceira, como o Real Gabinete

Português de Leitura (especialmente estudos oitocentistas relativos a seu acervo de manuscritos e autógrafos), contando sempre com bolsistas de Iniciação Científica, alguns premiados<sup>5</sup>, e originando dissertações de Mestrado e teses de Doutorado muito bem avaliadas. Desses projetos, muitos artigos, capítulos de livros, conferências, palestras e comunicações se originaram. Também os livros organizados por mim dialogaram diretamente com as pesquisas aqui apresentadas brevemente.

Devo explicar que, em paralelo com o trabalho desenvolvido na UFF, em termos de pesquisa de poesia moderna e contemporânea, participo desde 2001 do Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras (PPLB), coordenado pela Professora Gilda Santos, com sede no Real Gabinete Português de Leitura – RGPL. Nesse Polo, temos trabalhado em prol do acervo oitocentista do Real Gabinete Português de Leitura e realizado inúmeras atividades que envolvem cursos, palestras, projetos, encontros e publicações.

Projetos concluídos, com relatórios aprovados nas Instâncias referentes (Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas – GLC, CNPq e CAPES, de acordo com os apoios financeiros recebidos):

#### **2000 – 2002 - Diálogos e silêncios na poesia portuguesa: décadas de 10 a 60**

Descrição: Investigação das relações de leitura e crítica que a poesia portuguesa do século XX manteve com a poesia brasileira, no período das décadas de dez a sessenta, com o recorte cronológico em duas datas fundamentais: 1915, quando ocorreu a publicação da revista ORPHEU, marco do modernismo português e 1961, quando ocorreu a publicação conjunta intitulada POESIA 61 e a publicação das primeiras obras dos poetas Herberto Helder e Ruy Belo, que se transformariam em nomes paradigmáticos para os jovens poetas de 70 a 90, além da divulgação da poesia experimental. Rastreamento e análise dos diálogos literários e culturais mantidos pelos poetas portugueses com os poetas brasileiros e que silêncios se percebem, delineando-se, com maior segurança, qual a extensão ou intensidade de uma comunidade poética lusófona no século XX. Levantamento e análise das obras de poetas que se destacaram também por sua contribuição crítica, traçando com suas avaliações estéticas um quadro determinado da tradição poética que fundamentou a poesia moderna portuguesa até a década de sessenta. Tais poetas são: Fernando Pessoa, Almada Negreiros, José Régio, Adolfo Casais Monteiro, Mário Dionísio, Jorge de Sena, António Ramos Rosa e David Mourão Ferreira. O *corpus* analisado foi constituído pela produção crítica desses poetas (artigos, ensaios, resenhas, prefácios, etc reunidos em livros publicados) que

---

<sup>5</sup>**2010** Orientação de trabalho de pesquisa de Nino Lannes Bozzetti Navarro, que recebeu o 2. lugar - Prêmio Vasconcellos Torres de Iniciação Científica - UFF, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa - PROPPi – UFF; **2009** Orientação de trabalho de pesquisa de Ana Beatriz Affonso Pena, que recebeu o 1. lugar - Prêmio Vasconcellos Torres - UFF / Iniciação Científica, Universidade Federal Fluminense - Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação; **2009** Orientação de trabalho de pesquisa de Nino Lannes Bozzetti Navarro que recebeu Menção Honrosa - Prêmio Vasconcellos Torres - UFF / Iniciação Científica, Universidade Federal Fluminense - Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

desenvolveram, ao lado do trabalho poético, seja por motivação de magistério, seja por presença ativa em jornais e revistas da maior relevância para os caminhos da poesia portuguesa no século XX. A investigação realizada contribuiu com dados, exemplos e informações quantitativa e qualitativamente necessárias para discussão mais aprofundada e segura das relações culturais de Portugal com os outros países de Língua Portuguesa, enfatizando-se, nos limites deste projeto, a relação literária com o Brasil.

**2002 – 2006** - Olhares oblíquos: modos de ver e escrever, na poesia, a cultura portuguesa contemporânea.

Descrição: Pretendeu-se com esta pesquisa investigar fundamentalmente como a poesia portuguesa contemporânea produzida a partir da década de 60 pensa a criação estética e a cultura nacional em relação com as culturas estrangeiras, com ênfase, a brasileira. Consideramos que a poesia portuguesa contemporânea é marcada por um discurso fortemente crítico, ou seja, muitos poetas portugueses da contemporaneidade são poetas-críticos, pois a) produzem, em paralelo com a escrita poética, uma escrita ensaística reconhecida por seus pares e/ou b) configuram sua escrita poética como discurso metapoético e metacultural. Por isso, este projeto de pesquisa se elaborou em torno de “olhares oblíquos”, entendendo esses olhares como modos de ver e escrever a realidade portuguesa nos seus deslocamentos culturais e estéticos. Muitas vezes, é no silenciar de vozes ou no apagamento de imagens que se revelam de forma oblíqua visões de mundo e de culturas. Assim, o desenvolvimento da pesquisa buscou demarcar não só as principais linhas temáticas e críticas que estruturam essa poesia, como também possibilitou compreender que diálogos estéticos ou silêncios culturais persistem na relação entre Portugal, Brasil e a África de língua portuguesa. O *corpus* examinado foi constituído por um conjunto de poetas pré-selecionados que têm desenvolvido seus trabalhos poéticos com declarada intenção crítica sobre o lugar da poesia, a constituição do discurso literário, o questionamento da identidade nacional e a necessidade do compromisso ético entre Arte e mundo, constituindo o perfil do que chamamos de poetas-críticos. Nesse conjunto estão poetas nascidos nas décadas de 30 ou 40 que começam a publicar nos anos 60 ou 70: Ruy Belo, Fíama Hasse Paes Brandão, Gastão Cruz, Nuno Júdice, Vasco Graça Moura, João Miguel Fernandes Jorge, António Franco Alexandre, Joaquim Manuel Magalhães e Luís Miguel Nava.

**2003 – 2005** - Poetas-críticos: modos de ver e escrever a cultura portuguesa

Descrição: Projeto apresentado para seleção PIBIC/CNPq. Constituiu-se num recorte do projeto anterior intitulado "Olhares Oblíquos". O *corpus* examinado pelos bolsistas foi formado por um conjunto de poetas pré-selecionados que têm desenvolvido seus trabalhos poéticos com declarada intenção crítica sobre o lugar da poesia, a constituição do discurso literário, o questionamento da identidade nacional e a necessidade do compromisso ético entre Arte e mundo, constituindo o perfil do que chamamos de poetas-críticos.: David Mourão Ferreira, Gastão Cruz, Ruy Belo, Nuno Júdice, João Miguel Fernandes Jorge e Joaquim Manuel Magalhães. A fundamentação teórica foi interdisciplinar, considerando-se a diversidade de estudos sobre a criação poética, a crítica literária sobre modernidade e pós-modernidade, a discussão sobre a cultura portuguesa (História e Sociologia) e a reflexão filosófica sobre a relação linguagem, arte e humanismo, além de estudos específicos sobre as obras poéticas analisadas. Saliente-se, porém, a

importância da abordagem teórica sobre a intertextualidade e práticas de citação, atividades fundamentais nas obras dos poetas-críticos selecionados. Dois alunos de iniciação científica receberam bolsas para participação no projeto, via o programa PIBIC - CNPq. – UFF.

**2004 – 2005** - Cartas de António Feliciano de Castilho a Camilo Castelo Branco: outras formas de ver a cultura oitocentista

Descrição: Pesquisa valorizando o acervo do Real Gabinete Português de Leitura, conforme projeto de estudo da correspondência de António Feliciano de Castilho endereçada a Camilo Castelo Branco, considerando o conjunto de cerca de 210 cartas autógrafas conservadas na seção de Manuscritos e Autógrafos do Real Gabinete. O projeto de pesquisa apresentado foi selecionado para recebimento de Bolsa de Pesquisador Sênior do Real Gabinete Português de Leitura, com patrocínio da Fundação Calouste Gulbenkian de Lisboa, no período de 15/10/2004 a 15/10/2005.

**2005 – 2006** - Máscaras de Perséfone: Figurações da Morte e do Extinto nas literaturas portuguesa e brasileira contemporâneas

Descrição: Projeto de pesquisa executado durante pós-doutorado na PUC-MG, sobre coordenação geral da Professora Lélia Duarte Parreira, reunindo uma equipe interinstitucional, graduandos (iniciação científica), pós-graduandos (mestrandos, doutorandos e pós-doutorandos). Tratou-se de investigar figurações da morte em textos literários portugueses e brasileiros contemporâneos, com desenvolvimento de determinadas linhas de discussão, partindo principalmente da reflexão de Maurice Blanchot.

**2006 - 2007** António Feliciano de Castilho: um poeta crítico oitocentista entre a tradição e a renovação

Descrição: Leitura crítica da obra poética de António Feliciano de Castilho e análise de sua produção crítica e reflexiva sobre a cultura portuguesa do seu tempo, visando à sua problematização no contexto da cultura portuguesa do século XIX. Inclui-se nesse *corpus* um conjunto de cartas dirigido ao outro importante escritor português Camilo Castelo Branco. Tal proposta possibilitou a reavaliação crítica do lugar literário e cultural desse autor hoje desprezado, raramente objeto de trabalhos de investigação, além de discutir modos de recepção da poesia no contexto desse século marcado por duas práticas literárias em confronto: o Romantismo e o Realismo. Esse projeto foi aprovado no PIBIC / CNPq - UFF, no período 2006-2007, com duas bolsas para iniciação científica.

**2008 – 2011-** Configurações / desfigurações da paisagem na poesia portuguesa contemporânea

Descrição: Leitura de um conjunto de obras poéticas portuguesas publicadas nas décadas de 70 a 90, com o objetivo de demonstrar a produtividade crítica do tema da paisagem, tão

recorrente nessa produção, como elemento figurado ou desfigurado de acordo com experiências específicas que articulam espaço e visualidade, paisagem e cultura, paisagem e subjetividade na contemporaneidade. O conceito de paisagem foi formulado a partir de uma compreensão teórico-crítica interdisciplinar entre literatura, poética, filosofia, psicologia e geografia cultural, a partir da perspectiva da crítica temática francesa que privilegia a relação entre sujeito, palavra e mundo. Em consonância com trajetória anterior de leituras e trabalho crítico, intensificamos a interlocução entre obras poéticas contemporâneas portuguesas, nosso principal foco de atenção, com obras brasileiras e africanas de língua portuguesa, de acordo com nossa participação no Núcleo de Estudos de Literaturas Portuguesa e Africana – NEPA – UFF e no Projeto de Pesquisa CAPES – GRICES intitulado Poéticas da Modernidade e da Contemporaneidade: Subjetividades e Identidades em Devir, reunindo estudos de poesia portuguesa e brasileira na contemporaneidade. Com esse projeto, passei a receber a Bolsa de Produtividade em Pesquisa, nível 2.

#### **2011 – 2014 - Visualidade e experiências do urbano na poesia portuguesa contemporânea**

Descrição: A partir de resultados atingidos no projeto de pesquisa anterior, com apoio CNPq para o período 2008-2011, que demonstraram a produtividade crítica dos estudos sobre paisagem na poesia portuguesa dos anos 70 a 90 do século XX, ampliou-se a discussão em torno da visualidade na contemporaneidade e experiências do urbano que se refletem de forma intensa na produção poética portuguesa dos anos oitenta à atualidade. Escolheu-se um conjunto de obras poéticas publicadas exatamente a partir dos anos 80, com o objetivo de demonstrar como, em nossa contemporaneidade, a visualidade, na escrita poética, efetiva-se como relação intensa e tensa entre o sujeito e o mundo, e como determinadas experiências do urbano revelam, no âmbito dessa produção, trajetos significativos de articulação teórico-crítica sobre as relações entre espaço, paisagem e cultura, visualidade e subjetividade, além do confronto com outras construções estético-visuais (sobretudo cinema, fotografia e produções virtuais). Desenvolvemos ainda a hipótese de que esses trajetos recuperam e reatualizam, discursivamente, a elegia como possível modo de escrever / enfrentar as tensões contemporâneas. A abordagem teórico-crítica foi interdisciplinar, considerando os estudos de paisagem e sobre a cidade / o urbano contemporâneo perspectivadas sobretudo pela poética, crítica de arte, filosofia, sociologia e geografia cultural, a partir da crítica temática francesa que privilegia a relação entre sujeito, palavra e mundo, e estudos mais recentes sobre o impacto da visualidade, da virtualidade e da velocidade na configuração do mundo urbano atual, como defendem Paul Virilio, Marc Augé e Zygmunt Bauman. A reflexão sobre a escrita elegíaca seguiu os estudos e pesquisas de Jean-Michel Maulpoix. Palavras-chave: lírica contemporânea; poesia portuguesa contemporânea; visualidade; paisagem; urbanismo; cidade; elegia. Mantive a Bolsa de Produtividade em Pesquisa CNPq, nível 2.

#### **2014 - 2017- Geografias da emoção: subjetividades em movimento na poesia portuguesa pós-74**

Descrição: A partir de resultados atingidos no projeto de pesquisa anterior, com apoio CNPq para o período 2011-2014, bolsa PQ 2, que analisou e discutiu as experiências urbanas figuradas na escrita poética portuguesa mais recente, considerando sobretudo um conjunto de poetas que começaram a publicar no início da década de 90, este novo projeto se elaborou em torno da ideia de ser a escrita poética uma espécie de geografia das emoções, com a constituição de certos eixos analítico-críticos importantes do lirismo de hoje: as subjetividades em movimento

no poema, o enfrentamento da aceleração a marcar a existência contemporânea, os percursos da memória e dos espaços vividos constituindo paisagens em movimento, as práticas de deslocamento e movimento das imagens, dos sujeitos e da escrita numa geografia material e imaterial. Em busca da compreensão ampliada dessa geografia, retornei à produção poética portuguesa a partir dos anos 70, especialmente pós-Revolução dos Cravos, considerando o trabalho de um conjunto de cinco poetas como percepção acentuadamente crítica do espaço circundante modificado, não só por uma nova vivência política e cultural, como pela intensificação técnica e tecnológica marcantes de nossa contemporaneidade. Tal intensificação vem provocando uma diferente relação entre sujeito e natureza e diversos modos de experimentar as paisagens, ou seja, estabelecem-se outros vínculos entre espaço, paisagem e cultura, visualidade e subjetividade, pela mediação do vetor da velocidade responsável, segundo Paul Virilio, por uma “esthétique de la disparition”. A abordagem teórico-crítica e analítica continua a ser interdisciplinar, convergindo para a Poética questões importantes discutidas pela Crítica de Arte Contemporânea, Filosofia (especialmente a Fenomenologia Hermenêutica), Geografia Humanista e Cultural, Sociologia e Antropologia Urbanas, considerando o estado atual dos estudos de paisagem a partir de uma teoria da percepção, e em diálogo com uma linha de pesquisa internacional, ainda pouco desenvolvida no Brasil, preocupada em investigar as implicações mútuas entre Literatura e Geografia Humanista e Cultural a partir do pensamento da paisagem como habitação do mundo / habitação na linguagem, a partir de subjetividades em movimento. Mantive a Bolsa de Produtividade em Pesquisa CNPq, nível 2.

Além desses projetos pessoais executados ao longo dos anos, venho participando de outros projetos nacionais e internacionais em equipe, como descrito a seguir:

**2013 - 2015** Programa CAPES FCT Crítica, Poesia e Contemporaneidade: Tendências e Questões

Descrição: Programa CAPES-FCT aprovado em março de 2013, com intercâmbio entre a UFF e a UNL (Universidade Nova de Lisboa), além de parceria com a USP, para formação de recursos humanos de alto nível, na área de Literatura. Ampliação e consolidação do grupo luso-brasileiro de pesquisa, que vem se constituindo desde a vigência do primeiro convênio CAPES –FCT, desenvolvido no triênio 2005-2007 pelos coordenadores do GRPesq UFF/CNPq Poesia e contemporaneidade, professoras Célia Pedrosa e Ida Alves. Fortalecimento de linhas de pesquisa sobre poesia contemporânea e teorias e críticas do contemporâneo nos Programas de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense, da Universidade de São Paulo, da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade de Évora. Desenvolvimento de atividades que permitiram maior capacitação de todos os integrantes do grupo de pesquisa, expansão de conhecimento por eles produzido em um âmbito mais amplo do ensino e da pesquisa universitários. Desenvolvimento de atividades de formação que permitiram que mestrandos e doutorandos entrassem em contato e elaborassem estudos específicos a partir de questões teóricas e analíticas pertinentes à área de poética contemporânea tanto no âmbito da cultura de língua portuguesa quanto no daquelas que a alimentam de conceitos e questões teóricos e filosóficos e com elas encenam diálogo interdisciplinar. Para isso, foram realizadas as seguintes AÇÕES: Intercâmbios acadêmicos de professores para oferecimento de cursos específicos na área

de crítica contemporânea; estágios na Universidade Federal Fluminense e na Universidade Nova de Lisboa para professores e pós-graduandos participantes do Projeto, visando ao convívio mais concreto com questões específicas e comuns aos dois contextos acadêmicos e culturais; organização de atividades científicas comuns, como seminários internacionais, para divulgação de resultados e expansão da rede de pesquisadores nos dois países; organização de coletâneas de ensaios, no Brasil e em Portugal. Em 2013 / 2014 - duas missões de trabalho e três missões de estudo forma realizadas, com as Profas. Celia Pedrosa e Ida Alves; doutorandos Sergio Bento (USP) e Marleide Anchieta (UFF), hoje já com suas teses defendidas e pós-doutorado da Professora Viviane Bosi (USP).

### **2013 - 2015** O Real em Revista

Descrição: Trata-se de pesquisa que foi desenvolvida no Real Gabinete Português de Leitura (RGPL) tendo como *corpus* um conjunto de periódicos, jornais e revistas, brasileiros e portugueses do século XIX ainda não estudados de forma sistematizada e pouco ou nada divulgados, alguns em risco de perda. Tratamento técnico, acondicionamento e medidas de conservação preventivas de acervos e conjuntos documentais, com pesquisa e criação de base de dados. Publicação de pesquisas realizadas no conjunto desse material. Tal projeto venceu Edital Petrobras Cultura-PETROBRAS, o que permitiu a realização de várias ações, como encontros, visitas guiadas ao RGPL, publicações diversas, inclusive livro, além da digitalização de cerca de 30.000 páginas desses periódicos, com acesso gratuito on line.

### **2011 - 2013** Programa de Licenciatura Internacional - PLI CAPES / UFF / Universidade de Coimbra

Descrição: Programa institucional para dupla licenciatura na área de Letras, unindo a Universidade Federal Fluminense e a Universidade de Coimbra. Acompanhamento de 07 graduandos nossos em Coimbra, no período de 2011 a 2013. Exercício de coordenadoria até julho de 2012.

### **2006 - 2008** Programa CAPES GRICES Poesia: Subjetividades e Identidades em Devir

Descrição: Integrou projeto de pesquisa CAPES-GRICES, sobre poesia portuguesa e brasileira contemporânea, sob coordenação brasileira da Profa. Dra. Celia Pedrosa, Letras - UFF, período 2006-2008. De 25 de setembro a 16 de outubro de 2007 cumpriu missão de trabalho na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, no âmbito desse projeto.

Além disso, saliento a importância de Grupos de Pesquisa nacionais e internacionais de que participo como colíder ou membro integrante. Internacionalmente, por exemplo a Rede que se pode verificar em <http://lyracompoetics.org/> : “LyraCompoetics é uma rede de pesquisa internacional que se inscreve no domínio da Poesia e das Poéticas Comparadas. Desenvolvendo

linhas de investigação comuns, pretende contribuir para a revitalização e a dinamização dos estudos de poesia moderna e contemporânea, a partir de bases teóricas e críticas renovadas. Coordenada por Paulo de Medeiros (Universidade de Utrecht, Holanda, e atualmente da Universidade de Warwick, Inglaterra) e Rosa Maria Martelo (Universidade do Porto), LyraCompoetics congrega investigadores das seguintes universidades: Brown University (U.S.A.), Universidade Federal Fluminense (Brasil), Universidade de Paris III - Sorbonne Nouvelle (França); Universidade de Salamanca (Espanha); Universidade de Florença (Itália); Universidade de Utrecht (Holanda) e Universidade do Porto (Portugal)”. Essa rede vem produzindo seminários, colóquios e publicações (livros e a revista eletrônica E-Lyra.

Integro também o grupo de pesquisa "Geographie Littéraire", coordenado pelo Prof. Dr. Michel Collot, Université Sorbonne Nouvelle - Paris III, desde 2011 e o CREPAL - Paris III - Université Sorbonne Nouvelle - Centre de Recherche sur les Pays Lusophones, desde 2011.

Considero ainda que minha participação em inúmeras comissões de qualificação, bancas de mestrado, doutorado e de concursos públicos de magistério refletem bem minha capacidade crítica, a visibilidade externa de meu trabalho e minha contribuição acadêmica, atuando no depuramento de pesquisas e na avaliação de profissionais da Área.

Para o novo período de **2017 a 2020**, já apresentei ao CNPq, neste ano, com pedido também de avaliação para mudança de nível de pesquisador – PQ 1- projeto de pesquisa que está agora sob análise, com resultado final somente em janeiro de 2017. Trata-se de:

### **CENAS DE LEITURAS: VOZES E REVISTAS PORTUGUESAS DE POESIA CONTEMPORÂNEA**

No período de 2014-2016 [2017], desenvolvemos o projeto de pesquisa “Geografias da Emoção: Subjetividades em Movimento na Poesia Portuguesa Pós-74”, com apoio CNPq (Bolsa Produtividade em Pesquisa – nível 2), que nos permitiu discutir certos eixos temáticos importantes do lirismo de hoje: a constituição da subjetividade na relação com a paisagem urbana, os percursos da memória e dos espaços, as práticas de deslocamento e movimento das imagens e dos sujeitos numa geografia material e imaterial. Na continuidade de nossa atenção investigativa sobre a poesia portuguesa contemporânea (considerando as décadas de 70 a 90), sem evitar o diálogo com a produção lírica anterior, especialmente dos anos sessenta, temos agora a necessidade de um mapeamento mais detalhado e problematizador das linhas de força dessa poesia que se vem formulando nos últimos 30 anos, acompanhada de forte trabalho de reflexão crítica. Partimos portanto da década de 90, considerando o que já estudamos no projeto anterior, seja em termos de obras poéticas, seja de obras de ensaísmo crítico. Um marco dos anos 80, por exemplo, com ressonância nas décadas seguintes, foi a publicação de um livro de crítica

incontornável: *Dois Crepúsculos*, por Joaquim Manuel Magalhães. Assim, interessa-nos neste novo projeto examinar o que designamos por “cenas de leitura”, ou seja, a produção, circulação e recepção críticas de /sobre poesia. Para isso, destacamos algumas revistas de poesia importantes criadas a partir dos anos 90 nesse sistema literário, quais seja: *Relâmpago*, *Cão Celeste*, *Telhado de Vidro* e *Criatura*, além de referenciar a *Colóquio-Letras* (números a partir dos anos 90) e determinados suplementos literários em dois jornais portugueses de forte presença junto ao leitor não especializado: *Expresso* e *Público*, para além do *Jornal de Letras e Ideias* (Lisboa), também com recorte temporal a partir da década referida. O estudo desses veículos de divulgação crítica soma-se também ao estudo de um conjunto de poetas-críticos de maior relevância para nossos objetivos, cuja produção veiculada em livros, periódicos e jornais demarcam trajetos específicos de compreensão do lirismo contemporâneo, como Pedro Mexia, Manuel de Freitas, Luis Quintais e João Miguel Fernandes Jorge (este, na área de crítica de arte). Busca-se estudar a situação da crítica de poesia em diálogo com o lirismo que se vem praticando nas últimas décadas, na qual a relação com o leitor se evidencia fortemente na invocação de nomes e na constituição de determinadas estratégias de leitura. O diálogo com a produção poética e ensaística brasileira sobre poesia contemporânea também estará presente. A abordagem teórico-crítica é interdisciplinar, sobretudo Poética, Teoria Literária, Crítica de Arte, Filosofia da Linguagem e Cultura Contemporânea.

Palavras-chave: poesia portuguesa pós-90 do século XX; revistas de poesia; crítica de poesia; cultura contemporânea.

Considero fundamental que o estudo de poesia vá além da “clôture du texte”, risco permanente na abordagem de textos poéticos, e, por isso, busco manter minha coerência analítica e teórica que compreende a escrita poética como um espaço de troca permanente entre sujeito e sociedade, uma prática relacional. Uno à ideia de troca à ideia de retorno, pois, em poesia, o avançar sempre se faz com o olhar para trás, seja para o diálogo, seja para o silêncio. O ato crítico em torno do poético se vê impelido a também retornar para reencontrar vozes (tradições, linhagens), para compreender demandas (renovações, revoluções, mutações) e como essas demandas ressoam nos leitores especializados e comuns (circulação, divulgação, recepção). Acredito relevante o desenvolvimento desse estudo literário que pode contribuir para discussão mais embasada da cultura contemporânea em língua portuguesa, possibilitando que o conhecimento gerado no espaço da Universidade transite para a sociedade em forma de publicações na Área e melhor formação de profissionais de Letras, com a divulgação de resultados de análises e a divulgação plena de abordagens teórico-críticas capazes de contribuir para compreensão maior das literaturas de língua portuguesa e das culturas que unem os falantes de língua portuguesa.

Mantenho assim como mote constante para meu trabalho o título de uma obra de crítica de poesia de autoria do Prof. Dr. Jorge Fernandes da Silveira, titular e emérito de literatura portuguesa da UFRJ e referência nacional e internacional de estudos de poesia portuguesa moderna e contemporânea no Brasil: *Verso com Verso* (2003). Nesse jogo de palavras, uma metodologia de leitura que busco seguir e desenvolver: que os poetas dialoguem, que os versos de uns provoquem os dos outros e que, nós, os críticos, pesquisadores e leitores, saibamos ouvir suas vozes. De novo, refiro Carlos de Oliveira, este poeta leitor sutil de outros escritores:

Pego na folha de papel, onde o bolor do poema  
se infiltrou, levanto-a contra a luz, distingo a marca  
de água (uma ténue figura emblemática) e deixo-a cair.  
Quase sem peso, embate na parede, hesita, paira como  
as folhas das árvores no outono (o mesmo voo morto,  
vegetal) e poisa sobre a mesa para ser o vagaroso estrume  
doutro poema. (OLIVEIRA, 1992, p.216)

Assim como no diálogo entre textos, o diálogo de pesquisas, a continuidade de certas questões, o ir e voltar a obras, a poetas, a problemas, em busca não de respostas definitivas, mas encontros e desencontros de motivos, temas e ideias, o que torna a atividade de pesquisa, em nosso domínio, um permanente questionamento de resultados parciais, de certezas aparentemente atingidas. Não à toa, a questão da crítica, crise, atravessa minha atenção teórica, pois me interessam sobretudo os poetas que indagam sobre o poético, na relação entre escrita e leitura; interessam-me a recepção de poesia, o estabelecimento de valores líricos e o trânsito entre poetas e obras, no confronto de tradições e com o desejo de renovação.

#### **4 As atividades de extensão:**

##### **“quem dentre os homens me ouviria / sem palavras?”**

Desde o início de minha entrada na UFF como professora, realizei e participei de atividades diversas de extensão, acreditando que são, através delas, que o trabalho universitário ganha visibilidade e contribui além do espaço das salas de aula.

Um ponto que desejo realçar é o trabalho intenso que sempre desenvolvi para que a literatura portuguesa não seja uma literatura *estrangeira* no Brasil. Ministrei cursos, proferi palestras, coordenei ciclos de leitura, colóquios, seminários, cursos diversos, na UFF, em outras IFES, no Real Gabinete, sobretudo sobre poesia portuguesa moderna e contemporânea, para que fosse mais conhecida e que provocasse o interesse de mais jovens estudantes. Além disso, trabalhei em diversas ações, em conjunto com meus colegas de Setor ou de outros espaços universitários, contribuindo para que o NEPA – Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana se tornasse um centro divulgador de conhecimento. Tornei-me sua coordenadora há alguns anos e tenho a satisfação de registrar que o trabalho do NEPA, fomentado igualmente por meus colegas, também é muito reconhecido no Brasil, nos espaços de ensino de Literatura Portuguesa e Africana. Daí a visibilidade da revista do NEPA, intitulada ABRIL, a qual já é uma referência nesse campo de estudos, sendo avaliada pela CAPES com o nível A2. Atualmente, está indexada em diferentes bases e acaba de receber o DOI, via associação com a ABEC. Pode ser visitada em <http://www.revistaabril.uff.br/index.php/revistaabril>

Também devo voltar a referir minha forte ligação com o Centro de Estudos do Real Gabinete Português, instituição centenária, onde está sediado o Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras (anteriormente, Polo de Pesquisas sobre Relações Luso-Brasileiras), o qual, desde 2001, vem congregando diversos pesquisadores nacionais e internacionais, com a realização de muitas e diversificadas atividades de extensão e de pesquisa, em sistema de colaboração graciosa.

O Real Gabinete Português de Leitura é mais que uma biblioteca: é memória permanente da presença portuguesa no Rio de Janeiro e está ligada a importantes acontecimentos culturais da

vida brasileira, como, por exemplo, a realização, em seu salão, das cinco primeiras sessões solenes da Academia Brasileira de Letras, sob a presidência de Machado de Assis. Por meu intermédio, a UFF firmou convênio de cooperação com o RGPL e, de forma constante, venho colaborando com o referido Polo, coordenado pela Profa. Dra. Gilda Santos (UFRJ). Inúmeras atividades foram realizadas nesse espaço, em que se destacam os cursos e os colóquios. Não me preocupo aqui em enumerar todas essas atividades já registradas em meu Lattes e nos formulários que acompanham este pedido de progressão para a Classe E. Quero enfatizar apenas sua continuidade, abrangência e qualidade, colaborando continuamente para formação dos participantes, para divulgação da literatura e cultura portuguesas e para construção efetiva de redes de investigação.

Exemplo disso, tem sido também a parceria com a Profa. Dra. Celia Pedrosa, da área de Teoria da Literatura e Literatura Brasileira, do Instituto de Letras da UFF, que lidera comigo o grupo de pesquisa registrado no CNPq – *Poesia e Contemporaneidade*, pois temos trabalhado com o objetivo não apenas de consolidar, em nossa Universidade, um espaço institucional de pensamento teórico-crítico sobre a poesia contemporânea de língua portuguesa, como promover especialmente o aumento de estudos comparativos, ainda escassos, entre a poesia portuguesa e a brasileira. Esse diálogo comparativo tem possibilitado a percepção de diferentes problemas teóricos e o enfrentamento de semelhantes questões culturais sobre o excesso de visualidade, a vivência tensa do espaço urbano e configurações da subjetividade na contemporaneidade, o que vem marcando as duas produções de maneira bem significativa. Em decorrência desse trabalho conjunto, recebemos a aprovação da CAPES – FCT (Portugal) para um projeto de pesquisa internacional já referido, no período de 2013-2014, entre nosso Grupo de Pesquisa e o da Universidade Nova de Lisboa, coordenado pelo Prof. Dr. Nuno Júdice, sob o título *Crítica, Poesia e Contemporaneidade no Brasil e em Portugal: tendências e questões*. Também o trabalho estreito com o Grupo Internacional de Investigação – com sede na Universidade do Porto – LyraCompoetics - , igualmente já referido, tem possibilitado uma visada mais ampla e mais aprofundada de uma produção lírica heterogênea em língua portuguesa, mas com problemas e questões comuns. Nesse Grupo, a parceria com os Professores Rosa Martelo, Joana Matos Frias e Pedro Eiras (Universidade do Porto), nomes já bem reconhecidos no campo dos estudos de poesia portuguesa, tem provocado a organização conjunta de seminários, colóquios e de publicações.

Fora isso, o NEPA UFF tem realizado uma extensa lista de atividades de extensão em que participo como organizadora, coorganizadora ou palestrante. Em destaque o Seminário do NEPA que é organizado bianualmente e, em 2017, terá sua décima edição.

Todas essas atividades que assumem diversos formatos: congressos, colóquios, encontros, seminários, conferências, palestras, cursos de curta duração, ciclos de leitura e afins tornam a extensão uma prática concreta de semear ideias, trilhas e possibilidades de estudo.

## 5 As atividades de gestão acadêmica:

### “Contar os grãos de areia destas dunas”

Outro aspecto forte de minha trajetória na UFF é o administrativo. Desde o início, fui atenta às demandas administrativas de meu Departamento, das Coordenações de Graduação e de Pós-Graduação e da Unidade.

Como contextualização anterior, volto a lembrar o trabalho que exerci no Judiciário o qual me deu relevante experiência processual e possibilitou-me maior facilidade em gerir esse outro lado da vida acadêmica, que a muitos parece excessivamente burocrático ou complexo. Sempre tive facilidade em lidar com atos processuais, legislação, elaboração de documentos e domínio de correspondência legal. Também no tempo em que trabalhei no Colégio Societas Magistri, nos últimos anos, atuei como diretora adjunta. Isso me ajudou sobremaneira a aceitar cargos de chefia e de subchefia, a ser membro representativo em Colegiados diversos (graduação, pós-graduação, Conselho Universitário – CUV UFF) e a aceitar Comissões técnicas e de sindicâncias (estas felizmente muito menos recorrentes...), além de outros encargos similares. Avalio que, ao longo destes 23 anos, muito contribuí administrativamente para o serviço público na UFF e o meu saldo de trabalho é bastante positivo: exerci representação em Colegiados diversos, coordenação de Setor, seja em língua portuguesa, seja em literatura portuguesa, mais de uma vez, fui subchefe e chefe eleita do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, mais de uma vez, subcoordenadora da Pós-Graduação *Stricto Sensu*, Vice-diretora do Instituto de Letras e, agora, de 2015 a 2019, sua Diretora, eleita em votação bastante representativa.

Venho trabalhando ainda na editoria de dois periódicos do Instituto de Letras, como os *Cadernos de Letras da UFF* (B2) e Revista *ABRIL NEPA UFF* (A2). No Real Gabinete, exerço editoria adjunta na Revista *Convergência Lusíada* (B1) e no Grupo de Trabalho da ANPOLL Texto Poético, tornei-me corresponsável, a partir deste ano, da editoria da Revista *Texto Poético* (B2). Integro também o Conselho Editorial da Revista portuguesa *Colóquio Letras*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Portugal.

Tenho atuado como parecerista *ad hoc* em diversos periódicos brasileiros, emitido pareceres de avaliação para CAPES, CNPq, FAPEMIG e de outras Fundações. Tenho realizado trabalhos técnicos para a CAPES sempre que solicitado pela Coordenação de Área.

Naturalmente, os docentes e técnicos entre os quais exerci e exerço tais funções poderão dizer melhor minha contribuição, mas tenho por mim que fiz o melhor que podia em cada cargo ocupado, mesmo quando exercia a subchefia ou vice-coordenação, na UFF, partilhando ao máximo as funções e responsabilidades administrativas por acreditar na importância da *res publica* e por pensar também que minha ação poderia colaborar para que nosso Instituto fosse cada vez mais espaço de excelência acadêmica e técnica.

Para além da administração na UFF, fui integrante (tesoureira) de ex-Diretorias da ABRAPLIP e da ANPOLL e exerci, no período de 2014 a 2016, a Coordenação Adjunta de Letras e Linguística na CAPES, o que serviu para um conhecimento muito mais aprofundado da Pós-Graduação em Letras no Brasil, com seus 146 Programas de Pós-Graduação, e uma maior divulgação ainda da Letras da UFF. Sou membro do GT Texto Poético (ANPOLL) desde 2004, tendo exercido sua vice-coordenação no período de 2012 a 2014 e, agora, em nova eleição, para o período 2016 a 2018.

As funções administrativas e técnicas são duras, pesadas, nem sempre agradáveis emocionalmente, mas eu as cumpro e continuo cumprindo com satisfação, responsabilidade, ética e sentido democrático, confiante na necessidade de fomentar, de todas as maneiras possíveis, o afeto nas relações de trabalho em paralelo com o respeito profissional, a excelência de práticas de serviço e a prática constante de diálogo, sem o que nenhuma transformação laboral pode ocorrer em boa direção. É preciso sempre saber alterar o ângulo de visão.

[...]

Chamo um astrólogo amigo:

Então?

O céu parou. É o fim do mundo.

Mas outro amigo, o inventor de jogos, diz-me:

Deixe-o falar. Incline a cabeça para o lado, altere o ângulo de visão.

Sigo o conselho: e as estrelas rebentam num grande fulgor, os revérberos embatem nos caixilhos que lembram a moldura de um desenho infantil.

(OLIVEIRA, 1992, p.205)

## 6 Produção profissional relevante:

**“ó palavras de ferro, ainda sonho / dar-vos a leve têmpera do vento.”**

Com todas as qualificações feitas e com todos os projetos académicos desenvolvidos, tive motivos suficientes para produzir de forma constante ao longo dos anos. Ao olhar o currículo Lattes, poderia destacar aqui, considerando apenas os **últimos dez anos**, os 68 trabalhos apresentados em eventos nacionais e os 34, em eventos internacionais, seja como conferencista ou palestrante convidada e comunicadora; os 23 capítulos de livros publicados no Brasil ou em Portugal; os 20 artigos publicados em periódicos nacionais e internacionais de qualidade; os 16 livros organizados sobre poesia portuguesa, escritores portugueses ou questões teórico-críticas em torno do discurso poético; os 10 números temáticos de periódicos nacionais e portugueses; as 12 dissertações de Mestrado e 08 de Doutorado defendidas.

Referencio aqui ainda a organização, no Brasil, em Portugal e em França, de eventos de impacto nas áreas de estudos portugueses, estudos de poesia e de paisagem na literatura, entre os quais destaco: *III Colóquio Internacional Interdisciplinar Literatura, Viagem e Turismo Cultural no Brasil, em França e em Portugal*, 2015; *Poesia e contemporaneidade Jornada de Estudos*, 2015. *X Diálogos de Pesquisadores de Poesia Portuguesa - PPLB - RGPL*, 2015; *X Seminário do Grupo de Pesquisa Poesia e Contemporaneidade/ Seminário do Projeto de Pesquisa Internacional CAPES-FCT Poesia, Crítica e Contemporaneidade*, 2014; *Colóquios do PPLB / RGPL* (em 2016, ocorrerá o oitavo); *Colloque International interdisciplinaire literature, voyages et tourisme culturel*, 2012. A relação completa encontra-se no Lattes. Muito eu procurei e procuro fazer para divulgar a literatura portuguesa, especialmente a poesia do século XX e agora XXI e todos os resultados alcançados com os projetos desenvolvidos ao longo dos anos.

Considero muito relevante todo esse conjunto de obra, mas destaco as teses que orientei, pois, com meus doutorandos, exploramos obras pouco conhecidas ou temas não abordados, contribuindo para o avanço do conhecimento na Área e formação de quadros competentes para o País. Alguns desses meus doutorandos já atuam como professores universitários, como é o caso de

Valci Vieira dos Santos (UNEB), Leonardo Gandolfi (UNIFESP), Carlos Eduardo da Cruz (UERJ), Denise Grimm (Colégio Pedro II (professora titular). Uma ex-mestranda Carla Miguelote atua na UNIRIO. Outros Colegas de Universidades brasileiras realizaram comigo seus Pós-doutorados, fortalecendo o diálogo entre Universidades, como Silvana Pessôa (UFMG), Marcia Barbosa (Universidade de Passo Fundo), Solange Fiúza (UFG) e Marcelo Sandmman (UFPR). Outros orientandos atuam no Ensino Médio levando para a Escola Pública uma melhor qualificação e maior abertura de reflexão literária.

Entre minhas publicações, destaco os livros organizados e aqui enfatizo o *Poetas que interessam mais*, Editora Azougue, 2011, com Luis Maffei (UFF), no qual reunimos um conjunto reconhecido de pesquisadores brasileiros de poesia portuguesa, demonstrando a excelência do trabalho de reflexão que é feito em nosso país sobre essa produção; também valorizo muito os livros que refletem sobre temas dos meus projetos realizados e servem hoje de espaço de leitura para jovens pesquisadores. Enumero esses livros apenas para melhor visualização:

1. **ALVES, Ida**; CRUZ, C. E.; ANCHIETA, Marleide; SANTANA, Rafael; MENEZES, R.; VASCONCELOS, V. *Literatura Portuguesa II - volume 1 - Material didático de disciplina - Letras Ensino a Distância*. Rio de Janeiro : Fundação CECIERJ, 2015, v.2. p.333.

*Esse material didático trata sobretudo do ensino de poesia portuguesa da Idade Média ao Contemporâneo, a partir de determinados eixos temáticos e recorte de autores abordados.*

2. **ALVES, Ida**; PEDROSA, Celia. *Poesia Contemporânea: Voz, Imagem e Materialidades*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2016, v.1. p.165.

*"Este livro reúne ensaios de Marjorie Perloff, Daniel Link e Osvaldo Silvestre que abordam as condições de produção, circulação e recepção da poesia na contemporaneidade, a partir do exame dos impasses entre voz, letra e imagem. Com a articulação de um trama de referências teóricas e poética (Carlos Drummond de Andrade, Giorgio Agamben, Apollinaire, Gilles Deleuze, T.S. Eliot, Walter Benjamin, Rubén Dario, Haroldo de Campos, Eduardo KAC, entre outros), são analisados, em diferentes perspectivas e interesses, os sentidos e lugares do poético, bem como os modos de sua realização hoje." Resumo da Editora*

3. **ALVES, Ida**; PEDROSA, Celia. *Sobre poesia outras vozes*. Rio de Janeiro : 7Letras, 2016, v.1. p.141.

*Esse livro resulta do trabalho do grupo de pesquisa Poesia e Contemporaneidade e recebeu apoio da CAPES para sua edição.*

4. **ALVES, Ida**; BARBOSA, Rogério. *Encontros com Ana Hatherly*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2015, v.1. p.190.

*Livro homenagem a essa importante escritora e pensadora portuguesa, cuja obra se desenvolve por diversas trilhas: poesia, teatro, narrativa, ensaísmo, crítica e artes plásticas.*

5. **ALVES, Ida**; ANCHIETA, Marleide. *Grafias da cidade na poesia contemporânea (Brasil - Portugal)*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2015, v.1. p.211.

*Divide-se em duas partes: 1- A cidade na poesia portuguesa contemporânea; 2- Diálogos urbanos. Resulta do projeto de pesquisa sobre "Geografias da emoção: subjetividades em movimento na poesia portuguesa pós-74". Envolve mestrandos e doutorandos de literaturas de língua portuguesa.*

6. **ALVES, Ida**; CRUZ, C. E. *Para não esquecer Castilho cultura literária oitocentista*. Niterói: EdUFF, 2015, v.1. p.195.

*Reúne 14 estudos acompanhados de seleta de textos do autor oitocentista. Resultou de pesquisa realizada no âmbito dos estudos portugueses no Real Gabinete Português de Leitura, com apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa - Portugal.*

7. **ALVES, Ida**; PEDROSA, Celia; JÚDICE, Nuno. *Crítica de poesia tendências e questões Brasil - Portugal*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014, v.1. p.220.

*Livro vinculado ao projeto de investigação internacional Capes - FCT sobre Poesia Contemporânea e Crítica, no âmbito das literaturas brasileira e portuguesa. Apoio de edição: CAPES.*

8. **ALVES, Ida**; LEMOS, Masé; NEGREIROS, Carmem. *Estudos de paisagem: literatura, viagens e turismo cultural*. Brasil, França, Portugal. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2014, v.1. p.442.

*Trata-se de um E-book, com acesso via o catálogo da editora Oficina Raquel. Apoio para elaboração da edição - Cape. Caráter interdisciplinar com variados estudos sobre paisagem e literatura.*

9. **ALVES, Ida**. *Coisas desencadeadas estudos sobre a obra de Carlos de Oliveira*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013 p.178.

*Lançamento em março de 2013. Reúne estudos de Benjamin Abdalla, Ida Alves, Angela Beatriz Faria, Jorge Fernandes da Silveira, Teresa Cerdeira, Leonardo Gandolfi, Chimena de Barros, Maria Lucia Wiltshire de Oliveira, Monica Figueiredo. Dedicado à observação de diferentes aspectos da obra desse escritor, um dos nomes maiores do Neo-Realismo e da poesia e narrativa moderna portuguesa.*

10. **ALVES, Ida**; NEGREIROS, Carmem; LEMOS, Masé. *Literatura e paisagem em debate*. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2012, v.1. p.255.

*Edição on line com acesso gratuito no âmbito das Edições Makunaíma, projeto editorial com apoio FAPERJ, a partir de grupo de pesquisa sobre Estudos de Paisagem nas Literaturas de Língua Portuguesa.*

11. BESSONE, Tânia; SANTOS, Gilda; **ALVES, Ida**; VAZ-PINTO, Madalena; HUE, Sheila Moura. *D. João VI e o Oitocentismo*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011, v.1. p.332.

Resulta de atividades de extensão sobre o Oitocentismo na Cultura de Língua Portuguesa no Real Gabinete Português de Leitura.

12. PADILHA, Laura Cavalcante; **ALVES, I. M. S. F.**; Silva, Renata Flavia; JORGE, Silvio Renato. *Em torno da violência: palavra, corpo e imagem*. Rio de Janeiro : Léo Christiano Editorial, 2011, v.1.

*Anais (comunicações) do VII Seminário das Literaturas de Língua Portuguesa: Portugal e África / III Seminário Literatura, Guerra e Paz, realizado pelo Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana – NEPA UFF.*

13. **ALVES, Ida**; FEITOSA, Marcia Manir Miguel. *Literatura e Paisagem - Perspectivas e Diálogos*. Niterói: EdUFF, 2010 p.202.

Resulta dos trabalhos desenvolvimentos pelo Grupo de Pesquisa Estudos de Paisagem das Literaturas de Língua Portuguesa.

14. **ALVES, Ida**. *Um corpo inenarrável e outras vozes - estudos de poesia portuguesa moderna e contemporânea*. Niterói: EdUFF, 2010, v.1. p.256.

*Primeira parte - estudos sobre a poeta Luiza Neto Jorge; segunda parte - estudos sobre outros poetas portugueses e um moçambicano. Total de 25 estudos. Apoio CAPES.*

15. **ALVES, I. F.**; PEDROSA, Celia. *Subjetividade em devir - estudos de poesia moderna e contemporânea*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008 p.332.

Resulta do trabalho de pesquisa e de atividades do Grupo Poesia e Contemporaneidade. Trata de questões teórico-críticas importantes para compreensão do discurso poético moderno e contemporâneo.

16. **ALVES, I. F.**; JORGE, Silvio Renato. *A palavra silenciada - estudos de lit. portuguesa e africana*. Niterói: Vício de Leitura, 2001, v.1. p.252.

Constitui meu primeiro livro organizado a partir de Seminário realizado pelo NEPA UFF, de mesmo título. Edição que ainda hoje é bem referenciada em estudos da área de literatura portuguesa.

Em relação às publicações, devo comentar ainda que, no espaço do Grupo de Pesquisa *Poesia e Contemporaneidade*, temos trabalhado muito a relação poesia e crítica, organizando obras que reúnem estudos a respeito. Em 2016, publicamos o livro *Sobre poesia outras vozes*, pela

7Letras, apoio CAPES, com 09 textos de jovens poetas oriundos do Brasil, Portugal, México, Argentina. Um dos poetas brasileiros vive há alguns anos na Alemanha. Também reunimos em *Poesia contemporânea Voz, imagem, materialidades*, pela Editora UFMG, três conferências bastante instigantes de Daniel Link, Marjorie Perloff e Osvaldo Silvestre. Em 2014, em parceria também com o poeta e crítico português Nuno Júdice, já havíamos publicado *Crítica de poesia tendências e questões Brasil – Portugal*, também pela 7Letras e apoio CAPES.

*Interessam-me*<sup>6</sup>, pois, os poetas portugueses que, para além do trabalho literário específico, manifestam publica e sistematicamente gestos de crítica, seja pelo exercício da docência na área, seja pelo trabalho em revistas e jornais com seus suplementos literários, ou ainda pela publicação de livros específicos de crítica literária ou crítica de arte. Conquistam leitores no campo do ensaio e apresentam questões determinantes para a discussão e mesmo para a constituição de valores, modos e práticas de escrita poética. O confronto dessas vozes é conseqüente para movimentar concepções de lirismo e para compreender como se institui ou se desenvolve a crítica de poesia, a relação com tradições, as mutações literárias e a circulação de propostas. Perceber seus horizontes de trabalho, as redes que instituem, as relações que problematizam, é poder traçar um amplo quadro da lírica do século XX e do início do XXI, no âmbito da língua portuguesa. Com essa orientação geral, intento sustentar minha análise da poesia portuguesa moderna e contemporânea com estudos recentes sobre o lugar da poesia e do poeta e a relação do texto poético com a sociedade, afastando-me de abordagens radicalmente formalistas que consideram o poema um objeto fechado e autônomo, autorreferencial e autossuficiente na sua construção. Trata-se, assim, de discutir a poesia não como uma *textualidade hermética*, mas uma *prática hermenêutica* sobre o estar no mundo e na linguagem, por isso a ênfase na compreensão do ato poético como interação entre sujeito, palavra e mundo. Por isso, também avalio com satisfação o livro coorganizado com minha ex-doutoranda Marleide Anchieta, *Grafias da cidade na poesia contemporânea* (Brasil – Portugal). Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2015.

Nos últimos anos tenho focado muito na coprodução de livros, pois eles formam material relevante para novas pesquisas e novos pesquisadores, além de tornar visíveis redes de investigadores e intercâmbios institucionais. É verdade que me falta ainda realizar um projeto pessoal: um livro que reúna meus melhores estudos de poesia portuguesa, projeto que fui adiando

<sup>6</sup>Grifei o verbo para fazer referência ao livro que organizei com Luis Maffei sobre *Poetas que interessam mais – estudos de poesia portuguesa pós-Pessoa*, Rio de Janeiro, Editora Azougue, 2011. Os organizadores acreditam que o leitor interessado poderá ter, a partir dessa coletânea de estudos, uma visão mais ampla da poesia portuguesa do século XX e XXI.

frente a outros projetos conjuntos e solidários. Ainda tenho tempo para realizá-lo e material suficiente para edição. Penso que valerá a pena, não pelo ineditismo de temas ou abordagens, mas pela entrega honesta do muito que li, pensei e ensinei. Uma espécie de marco do magistério que exerço com o desejo sempre de partilha e encontro.

Nós, escritores, trabalhamos com palavras. Não nos é lícito ignorar que podem ser uma arma de força terrível ou terrivelmente frágeis. Podem apoucar as verdades ou revelar-lhes os gumes mais finos e luminosos. O nosso ofício consiste em escolher as palavras ou revelar-lhes os gumes mais finos e luminosos. O nosso ofício consiste em escolher as palavras, utilizá-las no momento exacto, atenuá-las, engrandecê-las, dominá-las. E o que são as palavras? Língua, linguagem, povo, oralidade, escrita, herança literária. A reestruturação da técnica narrativa ou poética tem de conhecer até ao pormenor a matéria de que se serve. Ou então a literatura é uma batata. (OLIVEIRA, 1992, p. 468).

## 7 Considerações finais:

**“vermos só / a tinta evaporar-se.”**

O percurso é longo, as atividades exercidas foram muitas e a produção realizada foi sempre coerente com meus objetivos e metas. Minha vida acadêmica foi se constituindo de maneira firme, com poucas vacilações, por ter claramente um Norte que me guiou.

Conviver com a poesia portuguesa e não apenas, estudar teoricamente a lírica moderna e contemporânea, com incursões a outros séculos, nunca foi para mim uma escolha pragmática ou interesse circunstancial. Não. Revelou-se um modo de estar na linguagem e de compreendê-la. Revitalizou todo o meu passado juvenil de leitura, quando entendia o poema como um jogo e um desafio à compreensão, um deslumbramento pelo que as palavras podem criar.

Olhando para trás, seguindo por esse rio ao contrário, vejo as paisagens que se somam num panorama que foi e continua sendo o meu, fiel aos estudos literários portugueses, satisfeita pelas escolhas feitas e simplesmente uma professora que continua a acreditar na Arte como resistência e como meio de sobrevivência a tudo que, cotidianamente, parece agir para nos desesperarmos da vida.

Tenho tido o privilégio de trabalhar com o que gosto, tenho tido o prazer de cotidianamente ouvir muitas vozes de poesia que me surpreendem e me provocam o pensamento – os trovadores medievais, Sá de Miranda, Camões, Bocage, Almeida Garrette, Antero de Quental, António Nobre, Cesário Verde, Camilo Pessanha, Fernando Pessoa (e seus heterônimos, sobretudo Alberto Caeiro e Alvaro de Campos), Mário de Sá-Carneiro, Almada Negreiros, Carlos de Oliveira, Sophia de M.B. Andresen, Jorge de Sena, António Gedeão, Alexandre O'Neill, David Mourão-Ferreira, Eugénio de Andrade, António Ramos Rosa, Ana Hatherly, Gastão Cruz, Maria Teresa Horta, Fiama Hasse Pais Brandão, Luíza Neto Jorge, Ruy Belo, Herberto Helder, Armando da Silva Carvalho, Joaquim Manuel Magalhães, João Miguel Fernandes Jorge, António Franco Alexandre, Nuno Júdice, Luis Miguel Nava, Al Berto, Ana Luísa Amaral, Adília Lopes, Daniel Faria, José Tolentino de Mendonça, Manuel Gusmão, Luis Quintais, Rui Pires Cabral, Manoel de Freitas, Luis

Bessa, Filipa Leal, Jorge Gomes Miranda, Jorge Sousa Braga e João Luis Barreto Guimarães, para citar os mais recorrentes em minhas aulas e estudos – oferecendo-me seus olhares sobre o mundo e partilhando muitos caminhos diferentes de estar na linguagem poética, na experiência sensível da materialidade da língua e da poesia. Tudo isso continua a ser para mim, num saber *experimentado*, trinta e quatro anos depois de ter prestado o juramento de Letras, uma razão de existência e um modo de intervenção na sociedade em que me cabe viver.

Percurso feito nas muitas águas da memória, chego ao termo da navegação com a certeza de que a poesia me interessa de forma ainda total e penso que, mesmo fora do cotidiano universitário, será sempre a leitura a retornar, o espaço de linguagem a pensar, porque

Renasce neste largo a minha infância  
a minha vida tem aqui nova nascente  
e jorra de repente com o ímpeto do início  
O tempo não passou ou só a consciência  
que provisoriamente sinto de voltar alguns anos atrás  
a sensação que sei de reflectir sobre esse tempo  
de ser um espectador de sucessivos sucedidos dias  
de não viver apenas não viver sem sequer saber que vivo  
num espaço demarcado onde as coisas e os homens  
eram tanto que eram simplesmente  
só essa consciência e sensação me fazem suspeitar  
de que passou o tempo que nunca passou<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup>Início do poema “O jogo do chinquilha”, de Ruy Belo, em *Transporte no tempo*, Editora Presença, Lisboa, p. 68.